

CASA DA MÃE JOANA:
lugar para criação, difusão, diálogo e experiências culturais

Deisi Janaína Corrêa

Projeto para obtenção do grau de Mestre em Gestão Cultural

Orientador: Professor Doutor Mário Jorge da Câmara de Melo Caeiro

Co-orientadora: Professora Doutora Teresa Domingas Lourenço
Fradique Ribeiro

Março de 2023

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que aprenderam e aprendem no ato de “migrar” a enxergar e respeitar nossas peculiaridades e que isso é o primeiro passo na construção de pontes entre nós.

Agradecimentos

*“(...) You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will be as one (...)”*

John Lennon – Imagine

Minha Gratidão,

A todos os Orixás que sustentaram minha cabeça e meu coração nos momentos de fraqueza;

Ao meu parceiro de vida, de palco e de luta na arte, Fábio Beckert, meu melhor amigo, cúmplice e incentivador primeiro, que abriu mão de si mesmo para que meu sonho se realizasse.

Ao meu anjo da guarda, Rafael Hurpia da Rocha, que me segurou a mão e socorreu, quando percebia que eu afundava e por me lembrar que sonhar é sim algo importante.

A minha filha Isabella, pelas palavras com a voz doce, mas segura nos meus momentos de desespero e por ser exemplo de obstinação e dedicação.

Ao meu filho Gutto, por me abraçar e trazer um chá durante as crises de ansiedade e à minha pequena Cléo, pela compreensão na distância e na ausência que nunca acabava.

Ao Daniel, por me encher de carinho, compreensão e estratégias para focar, mesmo que isso significasse bagunçar todo o resto.

À amiga que descobri na adversidade, Bianca Dorini, por me fazer acreditar que eu seria capaz de terminar.

Aos meus amigos que ficaram no Brasil e comigo aguentam as saudades.

Ao David, por compartilhar comigo do universo de um português e quando eu pensava não ter mais uma bolha que me protegesse, compartilhar comigo a que o protegia.

Ao Nicola, por sua franqueza e amizade.

A Tânia, por me fazer perceber que somos humanos e não perfeitos.

Aos demais colegas de mestrado, pela troca diária no pouco tempo que tivemos juntos.

A todos os entrevistados por mim, por sua generosidade e desprendimento.

Aos professores e mestres que nos conduziram ao longo deste curso.

Ao professor Fernando Poeiras, por ter sido a primeira mão estendida em Portugal.

Ao professor Mário Caeiro por acreditar na minha ideia e no meu projeto.

A professora Teresa Fradique por me socorrer, acolher e encorajar quando pensei que estaria sozinha.

Por todas as pessoas que fizeram esse momento possível. E por fim, a todas as mulheres que me trouxeram até aqui.

Casa da Mãe Joana:

lugar para criação, difusão, debate e experiências culturais

Resumo

A **Casa da Mãe Joana** é uma proposta de organização com foco em programação cultural e com o objetivo estratégico de se converter em espaço cultural de referência para a comunidade na região de Caldas da Rainha. É através da iniciativa de um olhar migrante e feminino, considerando que o termo é relativo não apenas ao sexo da autora da tese, mas também equivale a um registo de intervir culturalmente, num singelo, mas convicto, contributo para a re-significação dos estereótipos clássicos, se propõe ofertar localmente oportunidades de contato informal e profissionalmente mediado entre agentes artístico-culturais e seus públicos, bem como uma programação cujo desígnio é a busca por uma realidade mais orgânica de relação social a partir do campo da criação, conscientização e fruição culturais.

O apelo do projeto ao envolvimento cidadão visa tornar progressivamente mais coesa a relação entre micro-comunidades (ESAD.CR e comunidades de imigrantes) e a comunidade mais genérica na região (moradores locais, em particular sem envolvimento com a escola e por isso consistir em público alvo particular). A criteriosa gestão do contato intercultural, atenta a diversos fenómenos e tendências culturais que vão pautando o momento atual, funciona neste quadro como potenciação da resiliência cidadã e contributo para a sustentabilidade social.

O processo de elaboração deste projeto foi atravessado pela investigação dos meandros existentes nesse território, nomeadamente correspondentes a relação entre o público e artistas (criadores), sendo estes, tanto nacionais quanto estrangeiros e assim, defender a importância e a necessidade de um espaço destinado a conectar portugueses e imigrantes, alunos e não alunos, público e artistas através de uma linha de programação voltada à fruição, mediação, criação e debate em Arte e Cultura.

Por meio de entrevistas semiestruturadas, foram coletadas informações e relatos de pessoas pertencentes a variados núcleos, coletivos culturais e artistas independentes

residentes da cidade de Caldas da Rainha e de seu entorno. Toda a programação é inerente à perspectiva curatorial da **Casa da Mãe Joana** e se propõe a ser elaborada, considerando a diversidade local e partindo dela, e colocando em prática princípios inerentes a conceitos particularmente críticos para o sucesso da iniciativa: comunidade, debate e interseccionalidade.

O projeto começa a se tornar realidade na fase embrionária, com micro eventos produzidos desde 2022, realizados eventualmente, em espaços públicos ou de parceiros. Num segundo momento procura estabelecer-se em uma sede fixa e assegurar um quadro de parcerias.

Palavras-chave: Comunidade; Cultura; Relações.

Casa da Mãe Joana

a place for creation, diffusion, debate, and cultural experiences

Summary

Casa da Mãe Joana is a proposed organization focused on cultural programming and with the strategic objective of becoming a cultural space of reference for the community in the region of Caldas da Rainha. It is through the initiative of a migrant and feminine look, considering that the term is relative not only to the sex of the author of the thesis, but also equals a record of cultural intervention, in a simple but convinced contribution to the re-signification of classical stereotypes, it is proposed to offer locally opportunities of informal and professionally mediated contact between artistic-cultural agents and their audiences, as well as a programming whose design is the search for a more organic reality of social relationship from the field of cultural creation, awareness and fruition.

The project's appeal to citizen involvement aims to make progressively more cohesive the relationship between micro-communities (ESAD.CR and immigrant communities) and the more generic community in the region (local residents, particularly those not involved with the school and therefore consisting of a particular target audience). The judicious management of intercultural contact, attentive to various phenomena and cultural trends that are influencing the current moment, works in this framework as an enhancement of citizen resilience and contribution to social sustainability.

The process of elaboration of this project was crossed by the investigation of the existing meanderings in this territory, namely corresponding to the relation between the public and artists (creators), being these, both national and foreign and thus, defending the importance and the need for a space destined to connect Portuguese and immigrants, students and non-students, public and artists through a line of programming aimed at fruition, mediation, creation and debate in Art and Culture. Through semi-structured interviews, information and reports were collected from people belonging to various groups, cultural collectives and independent artists living in the city of Caldas da Rainha and its surroundings. The whole programming and inherent curatorial perspective of Casa da Mãe Joana is proposed to be elaborated considering the local diversity and starting from it, and putting into practice principles inherent to concepts particularly critical for the success of the initiative: community, debate and intersectionality.

The project is starting to become a reality in its embryonic phase, with micro events produced since 2022, held eventually, in public or partner spaces. In a second moment it seeks to establish itself in a fixed headquarters and ensure a framework of partnerships.

Keywords: Community; Culture; Relations

.

Índice

| | |
|--|-----|
| Dedicatória | ii |
| Agradecimentos | iii |
| Resumo – Palavras-chave | v |
| Abstract – Keywords | vii |
| Índice de imagens | ix |
| 1. INTRODUÇÃO – Sobre quem é a Joana | |
| A força da expressão – na origem de um porvir..... | 1 |
| 1.1 Das motivações internas – Preâmbulo – Um percurso, uma atitude, uma posição .. | 3 |
| 1.2 Das motivações externas – O Território e suas peculiaridades | 6 |
| 1.3 Dos enquadramentos – A gestão cultural e o projeto – Uma questão de fluidez | 8 |
| 1.4 Da estrutura – Os caminhos e a estrutura da pesquisa | 10 |
| 2. CONTEXTUALIZAÇÃO | |
| Percorrendo um território e garimpando conceitos norteadores da pesquisa | 12 |
| 2.1 Contextualização Teórica – A Busca dos conceitos da pesquisa | 13 |
| Quando digo “Comunidade” | 14 |
| Quando digo “Cultura”..... | 17 |
| Quando digo “Relações” | 20 |
| Outros termos..... | 23 |
| Inclusão ou coesão | 24 |
| Casa e janela — Da metaforologia a identidade – da “Maloca” a “Casa da mãe Joana” | 26 |
| 2.2 Análise das entrevistas – O encontro com o outro..... | 27 |
| Sobre o Território do Projeto – Percorrendo o Terreno..... | 33 |
| Comunidade – Caldas da Rainha..... | 33 |
| Comunidade – Escola Superior de Artes e Design – ESAD.CR..... | 37 |
| Comunidade – Imigrantes | 38 |
| “Tudo junto, reunido” ou “cada um no seu quadrado”? | 41 |
| 3. METODOLOGIA | |
| A CASA DA MÃE JOANA – Sobre o projeto | 50 |
| 3.1 Fachada – Antes mesmo de entrar | 52 |
| Apresentação – Sinopse..... | 52 |
| Morada – Enquadramento | 53 |

| | |
|--|-----------|
| 3.2 Hall de entrada – Uma acolhida | 55 |
| Particularidades – Posicionamento | 55 |
| Horizonte – Objetivos | 55 |
| Os princípios e os meios – Orientações Estratégicas | 56 |
| 3.3. Onde a festa acontece – Gestão, produção e curadoria | 59 |
| Sala de visitas – Programação | 60 |
| Cozinha – Serviços e produtos..... | 64 |
| Mural de fotos – Organograma | 65 |
| Despensa – Análise SWOT..... | 74 |
| Porta do Frigorífico – Cronograma e orçamento | 76 |
| Porta por onde se entra, sai e retorna – Plano de Comunicação | 79 |
| | |
| 4. CONCLUSÃO | |
| Sobre as últimas percepções acerca da pesquisa | 84 |
| | |
| Referências Bibliográficas | 86 |
| | |
| Anexos | 90 |

Índice de imagens

| | |
|--|----|
| Figura 1. “Noite nas Caldas” | 12 |
| Figura 2. “Noite nas Caldas” | 17 |
| Figura 3. Diagrama metodológico entrevistas | 29 |
| Figura 4. “Aqui do lado” | 40 |
| Figura 5. “O Caldas” | 41 |
| Figura 6. “O Caldas” | 42 |
| Figura 7. “Noite nas Caldas” | 48 |
| Figura 8. Catálogo com projetos da Casa da Mãe Joana - 2023 | 63 |
| Figura 9. Organograma – Casa da Mãe Joana - Sede Fixa..... | 65 |
| Figura 10. Análise SWOT – Casa da Mãe Joana - Sede Fixa | 74 |
| Figura 11. Linha do tempo – Diagrama – Casa da Mãe Joana | 77 |
| Figura 12. Partilhas – Casa da Mãe Joana – Fase inicial | 78 |
| Imagem 13. Logo – Casa da mãe Joana | 80 |
| Imagem 14. Tipografia (Poppins) – Casa da mãe Joana | 80 |
| Imagem 15. Logo (assinatura para materiais gráficos) – Casa da mãe Joana | 80 |
| Imagem 16. Logo – Casa da mãe Joana | 81 |
| Imagem 17. Passo a passo – Comunicação e Divulgação – Casa da mãe Joana..... | 82 |

1. INTRODUÇÃO

SOBRE QUEM É A JOANA

A força da expressão – na origem de um porvir¹

Joana era o nome da minha avó e também da mãe dela. Minha bisavó era imigrante assim como eu e contava que quando chegou ao Brasil, precisava andar por muitos quilômetros para conseguir vender uma cabeça de repolho. Embora eu não tenha andado quilômetros para vender nada nesta terra, meu percurso desde minha chegada foi (como a maioria dos imigrantes que chegam no país) de reinvenção. Não só por conta do fator pandêmico que se instaurou no mundo depois do ano de 2020, modificando hábitos e impedindo planos, mas também pelo fato de ser uma estrangeira, recomeçando em um novo país.

Foram mais de três anos vividos em Portugal até o momento em que escrevo estas linhas e neste percurso, muitas foram as pessoas que cruzaram meu caminho nestas mesmas condições.

Esse contato trouxe à tona a necessidade de protagonismo para pessoas que como eu buscavam se integrar. Se este protagonismo é político, como não haveria de ser também cultural? Onde pessoas podem encontrar espaço onde possam mais do que produzir culturalmente, possam fazê-lo em colaboração, aprendizado e diálogo.

Então este trabalho **também** é para imigrantes. Mas não só sobre **nós**²:

“Casa da mãe Joana” é uma expressão que chegou até mim ainda no lugar onde nasci, sempre utilizada de forma pejorativa e no contexto da minha casa, significava “lugar sem governo ou sem limites”. Porém, para mim também significa espaço democrático e acessível. A expressão, segundo Teófilo Braga, teria surgido no XIV, quando Joana I, rainha de Nápoles e Condessa de Provença, refugiou-se em Avignon e regularizou

¹ Utilizo o termo com gravidade e intenção, por ser âncora de um programa que busca coordenadas para o que José Frazão Correia SJ define como «um lugar bem situado». (Correia, José Frazão; «Coordenadas para um lugar bem situado», in Brotéria, Volume 196-2, Fevereiro 2023, pp. 142-148.)

² Conceito que tive a oportunidade de ver amplamente contextualizado e atualizado, com o meu orientador, na sequência da conferência do Prof. Rodrigo Silva «Nós, Singular Plural», no âmbito do ciclo Arte como Geração da Sphera Pública, em 11 de Fevereiro de 2023, organizada pelo LIDA/ESAD.CR. Rodrigo Silva, igualmente meu entrevistado.

funcionamento dos bordéis da cidade para que fosse um lugar onde todos podiam entrar. Na língua portuguesa, inicialmente era utilizado o termo “Paço da mãe Joana”, mas no Brasil, como o termo “paço” é pouco utilizado, foi mudado para “casa”.

“Nuns estatutos sobre bordéis de Avignon, atribuídos a Joana rainha de Nápoles e condessa de Provença, com data de 1347, estabelece-se que «tenha uma porta por onde todos possam entrar (*et que siegs une porto... dou todas las gens intrarom*)». (*De la Prost. en Europe*, fl. F.) Nos Açores é muito usual para dizer que uma porta está escancarada. É como o *paço da Mãe Joanna*.” (Braga, 2020, pp. 111).

Entendo os processos culturais como caminhos que surgem espontaneamente e que nem sempre podem ser entendidos ou reproduzidos através de fórmulas ou simples categorizações, portanto a escolha deste nome se fundamenta em fatores muito pessoais e por vezes afetivos.

A narrativa das minhas avós (mulheres que, diferente do que sugere a expressão acima, não tinham nada de permissivas) surgiu através de trajetória enrijecidas. Elas protagonizaram de forma firme e responsável, os caminhos da família até a morte. Nelas busco inspiração para colocar a “Casa da mãe Joana” em prática.

E é inspirada no poder que minha avó tinha em resolver necessidades de quem estava sob sua guarda e na frase emblemática da música da banda brasileira “Titãs”, que inicio o próximo parágrafo:

“Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?” (Titãs, 1987)

Inspirada neste trecho da letra da música “Comida”, reflito sobre o que agentes, artistas, técnicos, produtores e gestores artísticos e culturais querem. Querem existir. Querem produzir e viver em um ambiente criativo e livre. Querem espaços que os estimulem a criatividade e no qual possam sentir-se abastecidos de todos os nutrientes necessários para a produção e criação.

E se o público e os consumidores de arte e cultura tivessem a oportunidade de participar de processos, entender os meios e tornarem-se agentes na ativação de espaços e projetos culturais? Como seria? Utopia? Talvez... Mas dentro desta perspectiva, quais os meios

práticos de fazer isso tornar-se possível, no sentido de criar um ambiente cultural de criação, produção e diálogo? E se neste espaço fosse possível construir pontes sobre os muros construídos pelo preconceito e pessoas de diferentes culturas tivessem a oportunidade de dialogar, criar e construir juntas? Essas perguntas norteiam as reflexões propostas neste trabalho, através das entrevistas realizadas, na opção de experimentar o terreno através da aproximação dos coletivos existentes e da participação em projetos dos mesmos. Este foi e continua sendo o método através do qual mais a vontade estou para escrever e para seguir gerindo, programando e produzindo a cultura.

Outra pergunta que me fiz imensas vezes foi: É mesmo tão importante um lugar, uma sede, um espaço? Por que motivos e quais as necessidades técnicas mais importantes? E os ambientes já existentes? Por quais motivos não são suficientes?

A pesquisa, as entrevistas e o caminhar entre outros projetos, me deram novas perspectivas sobre como enxergar essa situação e me permitiram ultrapassar conceitos pré-definidos sobre como estruturar um projeto, pois pude perceber que mais do que uma escolha permanente, esta questão pode se apresentar como uma etapa, se o objetivo for a prática real e não precisa ser vista como um impedimento ao projeto.

1.1 DAS MOTIVAÇÕES INTERNAS

Preâmbulo – Um percurso, uma atitude, uma posição

“(…) Provisoriamente o tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. (...)” (Trecho da peça “Viver sem tempos mortos, encenada pela atriz brasileira Fernanda Montenegro e inspirada nas cartas de Simone de Beavoir para Jean Paul Sartre)

Então vamos a isso...

A experiência com o teatro de grupo no Brasil, desenvolveu em mim a necessidade de trabalhar cooperativamente em equipa para driblar a escassez de investimentos e a falta

de preparo de muitos gestores públicos da cultura dos municípios de menor porte do Brasil. Esta realidade torna imprescindível que agentes culturais se unam na reivindicação de direitos e oportunidades, entregando os indicadores nos quais as políticas públicas do setor possam ser estruturadas. Nesta busca, coletivos como a **FECATE** – Federação Catarinense de Teatro³, atuam contribuindo e fortalecendo políticas públicas relacionadas ao setor e reúne grupos que compartilham formas encontradas para a manutenção de seus espaços, circulação de seus trabalhos e realizam festivais em suas cidades, criando assim, alguma dinâmica que sustenta parte das necessidades da classe. Minha busca pessoal era por um formato de gestão no qual essas características pudessem ser potencializadas, mas também outros mecanismos de sustentabilidade e crescimento que pudessem emergir dele.

A motivação para minha vinda à Europa foi ter conhecido, em 2012 Fabianna Mello Souza, ex-integrante do **Théâtre du Soleil**, através de um workshop oferecido pelo **Sesc**⁴. O grupo (Théâtre du soleil) ao qual ela fez parte, situado na França e fundado em 1970 tem como fundadora, Ariane Mnouchkine e funciona com um modelo de gestão coletiva, pautada na horizontalidade e na colaboração, e conta hoje com aproximadamente 70 membros.

Em 2019, motivada pela inquietação de receber a notícia de um novo corte de verbas a nível nacional no setor da cultura, que acabava por se converter em demissões de companheiros de trabalho na empresa em que estava a programar a quase cinco anos e por perceber a importância de encontrar novas saídas, encontrei em Portugal a possibilidade de desenvolver um processo de pesquisa com o suporte da **ESAD.CR**- Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha. Em uma cidade com um porte populacional e estrutura semelhantes ao da cidade em que vivia na região Sul do Brasil, acreditei ser mais fácil a adaptação e integração nos dispositivos profissionais da área da cultura. Esta experiência me aproximava do **Theatre du Soleil** geograficamente, poderia abrir as portas para um possível estágio no coletivo e ainda me permitiria conhecer e criar

³ **FECATE – Federação Catarinense de Teatro** é uma instituição civil de grupos teatrais catarinenses (Santa Catarina- Brasil), sem fins lucrativos, fundada em 1978. Tem como objetivo incentivar a atividade teatral e defender os interesses dos grupos filiados.

⁴ **Sesc – Serviço Social do Comércio** é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1946. Surgiu partindo da demanda de necessidades dos trabalhadores do comércio nos setores da educação, cultura, lazer, assistência social, turismo e saúde. Está presente em todos os 27 estados brasileiros e possui 49 unidades operacionais em Santa Catarina.

projetos junto aos coletivos locais de Caldas da Rainha, buscando aproveitar a facilidade de falarmos a mesma língua.

Em nenhum cenário vislumbrado por mim, eu poderia ter suspeitado o surgimento de uma pandemia em escala global que nos obrigasse a reinventar nossos projetos artísticos nos prendesse em casa, justo quando me dispus (e precisei) de contato com este novo mundo que se apresentava para mim. A partir do segundo semestre em Portugal, me vi cercada de regras para trabalhar, que hora fechavam todos os estabelecimentos e hora abriam com restrições. Toda programação ficava sujeita a estas normas que mudavam o tempo todo. Diante disso, sair do país se torna impossível e o estágio no Théâtre du Soleil, na França, deixou de ser uma possibilidade.

Iniciei assim a criação de um projeto que pudesse acontecer mesmo a uma escala territorial muito pequena e que pudesse ter uma programação adaptável ao formato digital, se nosso direito ao contato físico voltasse a estar limitado. Iniciei algumas entrevistas neste formato com algumas pessoas, foram imensas horas em videochamada a perceber como manter a conexão. Propus jogos, fiz encontros com vinho e música. Ensaiei algumas gravações recitando poesias... E ao final deste processo em confinamento, percebi que mesmo que a pandemia volte, encontraremos sempre uma forma de nos encontrarmos.

Busquei, olhando para minha trajetória até então, onde estava minha maior potencialidade enquanto agente cultural e percebi que tinha capacidade de reunir pessoas, não só fisicamente, mas também suas ideias e criações. Mesmo durante a pandemia, estive reunida de forma virtual a projetos em vários lugares e participei da formação de coletivos em busca de soluções para suas necessidades, conectando pessoas por conta de propósitos em comum. Essa é a identidade por trás desse projeto e esta é a postura por detrás desta ideia.

1.2 DAS MOTIVAÇÕES EXTERNAS

O Território e suas peculiaridades

“Portugal é um país que recebe muito bem quem vem de fora!”.

Antes de começar....

Essa frase ouvi de um senhor que me atendia em um café, situado ao lado da minha segunda residência em Portugal, poucos meses depois de chegar aqui. Para muitos portugueses, a opinião é a de que o país recebe estrangeiros de forma muito acolhedora e talvez isso realmente seja verdade. Portugal e até especificamente Caldas da Rainha, tem histórico de cordialidade e hospitalidade. Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, “Portugal foi o destino de mais de 40 mil refugiados”. Em um artigo intitulado “Os Estrangeiros”, de 01 de agosto de 1940, da Gazeta da Caldas, escrito por alguém que assinava como “M”, esse tom de hospitalidade se apresenta:

“(...) Esses emigrantes foragidos dos horrores da guerra, alcançaram um país, não somente em plena paz, mas, até mesmo, em plena festa. Esta linda terra para onde tantos têm sido conduzidos, é a que mais se coaduna com as circunstâncias em que a maioria deles se encontram: uma cidade ao mesmo tempo alegre e tranquila, por seu natural e tradição, singularmente acolhedora, e dispendo de todos os recursos para bem receber forasteiros, os ricos, os remediados e, até mesmo, os pobres. (...)” (ADL, GC, 01/08/1940, FL.1. apud PEREIRA, 2016).

Mas será que sempre é assim?

Sinto que essa observação é, por vezes, verdadeira. Entretanto pude verificar outras percepções nos meus dois primeiros anos aqui. O antagonismo criado a partir desta frase impulsionou a mudança dos meus planos para pesquisa e por consequência, meus objetivos em Portugal.

Hoje, três anos depois de chegar em Portugal, tenho a percepção bastante clara de ter à

minha frente três diferentes grupos sociais com os quais me relaciono e nem sempre percebo estes três grupos a relacionarem-se entre si. Um deles é formado por meus colegas de área de pesquisa, professores e outros alunos da ESAD.CR, bem como os integrantes de coletivos que de alguma forma, estão ligados a escola; o outro é formado por amigos que nasceram nas terrinhas e aldeias próximas à cidade, com costumes muito semelhantes aos da minha família do Brasil e que pouco se relacionam com a escola ou com o universo ao qual ela representa e o último grupo que cito é o da comunidade imigrante, principalmente a comunidade brasileira, que nas suas relações, apresenta forte caráter de guetificação.

Os muros e muitas vezes os abismos criados entre estes grupos me fizeram perceber aí a necessidade e também a oportunidade de criar um lugar onde estes grupos possam dialogar e ainda dentro desta perspectiva, onde possam também protagonizar e compartilhar.

O que era possível oferecer e os objetivos eram muito evidentes naquele momento. Dentro de uma perspectiva totalmente imigrante, eu não pude fugir dos meus primeiros impulsos de criar uma “Casa brasileira”, impregnada de símbolos e conceitos tradicionais e populares do Brasil e com um nome tão brasileiro quanto: “MALOCA”, inspirada na música de Adoniran Barbosa. Mas só depois de popular meu imaginário com todos os recursos com os quais eu poderia contar, percebi o quão segmentário e carregado de guetificação era esse conceito. Transpondo esse conceito, ficou muito mais evidente o equívoco na escolha do nome: Sendo a palavra de origem indígena e não sendo eu uma pessoa com ligações parentais ou outra relação mais intensa com esta cultura, apropriar-me deste termo por simples popularidade da palavra, se convertia em uma falta de respeito com aquela comunidade. Isso não fazia sentido para mim, posto que, ainda no Brasil acompanhei o debate em torno do tema da “apropriação cultural” e essa prática vai contra minha linha de pensar e agir.

Parti então de um universo totalmente particular e autobiográfico na ideação do projeto, correndo assim um menor risco de apropriação. Desenvolvi um conceito pautado nos meus processos de trabalho durante todo meu percurso profissional, nos feedbacks que recebi e na simbiose que estas experiências provocaram no meio em que interferi.

1.3 DOS ENQUADRAMENTOS

A gestão cultural e o projeto – Uma questão de fluidez

Desde 2002, o setor de gestão cultural, em um enfoque lançado principalmente ao território brasileiro, vem avançando em termos práticos de gestão e em pesquisas relacionadas ao tema. Mas a produção acadêmica desde então é tão diversa quanto os conceitos que da função tratam.

“(…) incluem administração cultural, gestão das artes e da cultura, gestão pública da cultura. Outras variáveis aparecem com abrangência mais delimitada, como é o caso, por exemplo, da gestão do patrimônio cultural e da gestão de equipamentos/espços culturais. Quando tratamos da gestão da cultura ela aparece ainda relacionada a períodos governamentais e ações dos gestores designados para cargos.” (Oliveira et.al., 2019, p. 50)

Porém, talvez por motivos de teor financeiro e pela história recorrente do setor em atuar em cenários de escassez financeira, mesmo depois de duas décadas de pesquisa, a linha que separa a gestão cultural da produção cultural ainda se apresenta quase imperceptível. Basta um rápido correr de olhos sobre as vagas de emprego para “Produção cultural” em Portugal, para perceber a distribuição de funções mesmo em plataformas com enfoque no setor da cultura. O que revela que a maior parte dos profissionais seguem acumulando as duas funções em sua prática.

Rómulo Avelar (2010), em um capítulo de *Avesso da cena*, intitulado “O Produtor e o Gestor Cultural”, compila definições de gestor e produtor cultural segundo diversos teóricos e agentes culturais. Segundo ele, o gestor cultural comporta funções de administrar grupos e instituições, mediar relações entre artistas, profissionais da área e o Poder Público, empresas, espaços e público consumidor, atuando em entidades públicas ou privadas, no desenvolvimento destas funções.

Ainda sobre o papel de cada um destes profissionais, o autor descreve o produtor como

“Profissional que cria e administra diretamente eventos e projetos culturais, intermediando as relações dos artistas e demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura.”

Diante da confusão a respeito destas duas funções, que pode também definir o produtor como empresário e agente de determinado artista, faz-se necessário pautar o papel do gestor cultural na construção do projeto da **Casa da mãe Joana**.

A gestão cultural aplicada a este projeto se encontra dividida em dois momentos: Na ideação do projeto, o papel do gestor é de estudo do território. Cabe a ele o mapeamento dos equipamentos disponíveis para a produção cultural, a organização de um sistema de indicadores e agentes culturais acionáveis para realização de cada ação ou programação, a comunicação e mediação entre estes atores, produtores e agentes junto aos órgãos de função pública e ao público; a realização dos estudos referentes ao orçamento, levantando as despesas e receitas que o projeto abrange. Também fica responsável pela escolha da formação institucional e formato administrativo e legal do mesmo (associação, empresa ou coletivo informal), mediante a participação ou não de outros agentes na base da organização, bem como a reunião de todos os documentos e exigências legais para implementá-lo e a organização conjunta ou não, da curadoria para o primeiro ano de atuação do projeto.

Em um segundo momento (após a ideação do projeto), a gestão se converte em uma atividade participada entre:

Gestão Artística e de Produção: Responsável pela organização e gestão dos projetos, pela curadoria, bem como da mediação entre os agentes envolvidos e o público, sempre em busca de uma prática que resulte na formação de público. Este profissional tem a função de gerir recursos humanos e pela relação entre a “Casa” e os artistas, equipamentos parceiros (salas de teatro, salas de exposição, casas de concertos, cooperativas culturais) e demais colaboradores residentes. Também está a cargo deste a função de organizar e gerir toda a produção técnica dos eventos e serviços.

Gestão Financeira: Responsável por todos os recursos financeiros e materiais relativos à Casa da mãe Joana e a captação de recursos para realização dos projetos.

Gestão de Comunicação: Responsável pelo desenvolvimento das estratégias de comunicação, apresentando propostas que elucidem a identidade da Casa da mãe Joana, revelando os variados tons de cada projeto, serviço ou evento para o grande público, parceiros e possíveis investidores ou financiadores. Também é responsável pela recolha e organização dos materiais de arquivo e clipagem.

Este conjunto de gestores têm por função, buscar formas de democratizar o acesso do público à programação oferecida pela Casa da Mãe Joana, para o desenvolvimento de uma comunidade mais participativa e crítica, promovendo assim um impacto social sustentável e de desenvolvimento contínuo.

A relação com a fluidez na gestão do projeto acontece em concordância com Barros (2008, p.110), que afirma que compara a competência com a fluidez de um rio:

“Por incrível que pareça, no campo da hidrografia, o termo competência dos rios não é a sua velocidade e nem a força das suas águas. A competência de um rio é sua capacidade de fluidez e deslocamento. Um rio é tão mais competente para quem dele vive quanto mais ele conduz na fluidez dos seus movimentos e não na velocidade e na força das suas águas.”

1.4 DA ESTRUTURA

Os caminhos e a estrutura da pesquisa

O processo de investigação sobre o território para o qual o projeto foi pensado iniciou-se em caráter de sondagem bibliográfica e teórica, mas tornou-se necessário, à medida que o projeto se convertia em hipótese de prática real e diante de escassa bibliografia mais específica, uma investigação mais pautada no terreno e nos sujeitos com interferências relativas a este terreno. Sendo assim, a metodologia multimodal, de componente híbrida, com entrevistas⁵ que suportam e complementam a componente teórica de investigação, acompanhada da prática do projeto e de execução foi o modo de solucionar o problema levantado.

⁵ Neste documento, apresento os entrevistados, preservando a identidade de cada um, posto que esta informação não agrega significado ou importância para o resultado da pesquisa.

A estrutura deste documento é apresentada, por vezes, em primeira pessoa, posto que, parte da experiência do interlocutor e busca ecoar vozes de indivíduos e grupos de indivíduos que participaram do processo de análise do terreno e de suas peculiaridades, através de entrevistas, produção conjunta e desenvolvimento de eventos e projetos de foro cultural, na região de Caldas da Rainha.

A capitulação deste documento se desenvolve partindo de uma introdução, que demonstra o caráter biográfico inerente ao projeto através da abordagem do nome escolhido, de seus significados amplos e do percurso do mesmo até o conceito específico do projeto. Também apresenta os enquadramentos do projeto na área da gestão, as metodologias e estrutura escolhidos para o mesmo. No segundo capítulo, que está dividido em duas partes, se encontram os conceitos teóricos sobre os quais o projeto se fundamenta e a análise das entrevistas. Seguindo esta perspectiva, realizo um conjunto de observações sobre o território no qual o projeto se desenvolve, sobre as comunidades que pretende atingir, as relações e não-relações entre elas, a cultura e como ela se apresenta e desenvolve neste contexto. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia do projeto desenvolvido, dando a saber sobre todas as características do mesmo, partindo do seu papel mais amplo (conceito, objetivos, enquadramento e posicionamento) em direção a Gestão geral do mesmo (programação, curadoria e produção).

As conclusões encerram este documento e dão mais detalhes sobre os resultados da componente prática já realizada, dos processos em andamento e dos próximos passos. Através delas é possível perceber o caráter prático e principalmente, em que ponto do planejamento, o projeto se encontra, quais as percepções atualizadas do processo, os imprevistos, a forma como foram contornados estes obstáculos e as consequências deles.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

SOBRE O UNIVERSO DA PESQUISA

Garimpando os conceitos norteadores da pesquisa e percorrendo um território



Figura 1. “Noite nas Caldas” (rua no Centro de Caldas da Rainha), Deisi Corrêa, 2020

Todas as palavras, descoladas de seus conceitos e definições, potencialmente constroem um universo de contextos de experiência social e política por vezes vago e com margem a interpretações variadas e até controversas.

"Quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as narrativas são "válidas" – melhor dizendo, são "versões" – e que não cabe ao pesquisador julgá-las. É claro que é interessante conhecer diferentes versões sobre um acontecimento ou situação. Mas seria bom não nos contentarmos em colhê-las, assim como não basta compilar artigos de jornal ou acórdãos de um tribunal, por exemplo, para dar conta de um acontecimento ou conjuntura do passado." (Alberti, 2003, p. 1)

Neste sentido, abordamos aqui, o universo da pesquisa, através de duas perspectivas: primeiro, a contextualização teórica, que tem como objetivo deslocar as palavras-chave relativas à pesquisa do universo empírico, onde situam-se antes da pesquisa, e aproximá-las de contextos e autores que delas tratam. E em segundo, a análise das entrevistas realizadas, onde apresento os entrevistados, seus papéis sociais e os motivos pelos quais foram selecionados para este fim, bem como um pouco do contexto social ao que pertencem.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A busca dos conceitos da pesquisa.

O presente capítulo realiza a investigação necessária para a apreensão dos conceitos apresentados por alguns investigadores em publicações que percorrem o universo ao qual esta investigação compreende, sendo estes os conceitos de comunidade, cultura e relações. De acordo com o caráter antropológico e social dos referidos temas, a pesquisa percorreu autores como o sociólogo Robert Nisbet, Allan Delazeri Mocellim e o antropólogo Néstor García Canclini para melhor perceber e definir o conceito de comunidade, no universo acadêmico.

Para explorar o conceito de **Cultura** através da sua construção histórica, foi importante o acolhimento da obra "A noção de cultura nas ciências sociais", de Denys Cuche

(1996), que realiza um percurso cronológico do pensamento sobre o conceito da cultura, abordando os estudos teóricos através do início dos tempos. A divisão atual entre as abordagens antropológica e sociológica do termo realizada por Isaura Botelho (2001) demonstra o olhar da autora para a criação de políticas públicas e nos convida a refletir sobre a prática política vigente nos dias de hoje.

Para explorar o universo das **relações**, recorri aos conceitos de Bernard Stiegler (2010) que também fala sobre as técnicas relacionais de curtos e longos circuitos, abordando também outros termos relevantes ao projeto e apoiei parte da pesquisa na obra “Do confronto de culturas as relações interculturais” de Natércia Alves Pacheco (2000) e no artigo “Como integrar os imigrantes”, de Felix Neto (2001).

QUANDO DIGO COMUNIDADE

Sobre um caminhar entre pessoas

O que nos une e o que nos arremessa para longe; que nos faz indiferentes; o que nos convida a participar e o que constrói muros entre nós. O que define “eu”, “você”, ou “nós”.

O sentido de comunidade, de participação, de protagonismo e de pertencimento transita neste emaranhado de conceitos complexos e por vezes antagônicos, onde as dinâmicas comunitárias e culturais estão diretamente ligadas à forma como se constroem as relações. A possibilidade ou não de se criar espaço de integração entre indivíduos parte de questões sociais, antropológicas e políticas.

O conceito de **comunidade**, bem como todas as nuances que dele tratam através da história, conduzem a pesquisa para longe em termos temporais, mas é no combate ideológico a tudo que o conceito de comunidade exprime, que melhor o percebemos. Estando sua origem muito ligada aos sentidos de pertencimento familiar, religiosa ou de ofícios (se remetermos aos conceitos das guildas como uma referência medieval) e depois passando pela sistematização e formalização dela através do uso dos contratos e institucionalização dos coletivos criando aí formatos menos orgânicos. O sentido de

comunidade passa pelo advento da revolução francesa e é atravessado pela valorização do indivíduo na sociedade.

“A comunidade encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não nesse ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social, encostada separadamente. Sua força psicológica deriva duma motivação mais profunda que a da volição ou do interesse e realiza-se na fusão de vontades individuais que seria impossível numa união que se fundasse na mera conveniência ou em elementos de racionalidade.” (Nisbet, 1978, p. 252)

A própria palavra “comunidade” remete ao que é comum nas relações interindividuais e minha primeira relação prática com o termo foi através do meu contato com a dinâmica das “ecovilas” ao me reunir com pessoas que estudavam o tema das comunidades alternativas espalhadas pelo sul do Brasil. Obtive como conclusão primeira, que toda comunidade precisa ter uma “cola”. Ou seja, um desejo ou uma prática, ou ainda uma ideologia ou crença em comum entre o grupo de indivíduos, que justifiquem sua existência e/ou motivem suas participações ativas no crescimento, desenvolvimento e organização da mesma.

“Comunidade é sempre o lugar onde podemos encontrar os semelhantes e com eles compartilhar valores e visões de mundo. Também significa segurança, e é nela que encontramos proteção contra os perigos externos, bem como apoio para os problemas pelos quais passamos. A sociedade pode ser “má”, mas a comunidade nunca sofre essa acusação.” (Mocellim, 2011, p. 106)

Conforme palestra ministrada por Gabriel Siqueira, durante sua participação no FICOO (Festival Internacional da Cooperação - Florianópolis, 2018), para que uma comunidade funcione, é necessário que exista algum signo comum, um desejo comum ou um interesse: sustentabilidade, permacultura, aversão ao sistema, religião, etc. Algumas comunidades no mundo, ficaram conhecidas por suas formas de existir ou grandiosidade, como é o caso de **Auroville**, fundada em 1968, no sul da Índia, com o objetivo de reunir para conviver em harmonia, independente de nacionalidade, raça ou crença, ou **Findhorn**, na Escócia, fundada em 1986 e que se propõe em uma convivência com foco em sustentabilidade e utilização de recursos renováveis.

Segundo Mocellin, o conceito de comunidade permanece controverso através dos tempos, apesar de todas as mudanças sociais. Para ele, "não há ainda uma definição que seja hegemônica no debate sobre tal conceito. No entanto, seja no uso cotidiano, seja entre os teóricos sociais, comunidade é um conceito que evoca algo "positivo." (Mocellin, 2011).

Podendo ser compreendida como um grupo de mesmos interesses, uma comunidade pode caracterizar-se como um grupo que enxerga um mesmo horizonte e busca por ele em suas ações e propósitos. Com esta analogia, é fácil perceber pessoas unidas por propósitos religiosos, culturais ou ideológicos. Pode também ser um grupo que partilha um mesmo território ou que se liga por laços de sangue ou ajustes familiares, pode ser composta por pessoas de um mesmo grupo escolar ou que realiza uma prática desportiva com uma frequência mais intensa. Também pode se diferenciar por determinada origem ou etnia.

Para Márcio Lima Ranauro (2004, p. 25), os conceitos de comunidade se diferem principalmente em duas vertentes:

“A primeira remete ao entendimento Europeu do termo, que sugere que comunidade seja vista como um espaço de pertencimento e de identidade, onde grupos estejam compartilhando dos mesmos valores e habitus. A segunda, vinda da Escola de Chicago, trata comunidade como um espaço territorial/físico, onde grupos distintos convivem sobre os mesmos conflitos do cotidiano.”

Enquanto pertencimento e identidade, a comunidade adquire uma força maior quando se vincula a necessidade de espaço de representatividade diante de outros grupos. Segundo Ranauro (2004, p. 26), “Fortalecer a comunidade é fortalecer a representatividade de todos que estão ‘ali’ e que, talvez, não reconheçam outras formas de se tornarem atores sociais ‘ativos’.” E mesmo que se considere o espaço físico como uma das características para se determinar um grupo comunitário, nem sempre este é um fator mais expressivo para que ele seja bem representado em esferas político-sociais.

QUANDO DIGO “CULTURA”

A “Cultura” se espalhando para além dos campos de cultivo agrícola...

Contrariando Denys Cuche (1996), que afirmou que definir cultura pode se tornar uma armadilha se considerarmos todas as definições já catalogadas para o termo, buscarei fazê-lo no intuito de delimitar o universo teórico através do qual esta pesquisa implica.

Ainda hoje, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, **cultura** pode referir-se a um determinado tipo de cultivo agrícola ou a própria lavoura e foi neste sentido que a palavra foi utilizada a priori. Entre os séculos XVI e XVII o termo passava de um estado de coisa cultivada para a ação de cultivar e posteriormente ao estado figurado de trabalhar para desenvolver (cultura de uma faculdade) e no século XVIII, a nível semântico, a palavra começa a ser explorada. Em 1718 aparece na edição do *Dicionário da Academia Francesa*, com a conotação do ato de desenvolver (“Cultura das Artes” ou “Cultura das Letras”).



Figura 2. “Noite nas Caldas” (Salas cinzentas do pavilhão do Parque D. Carlos em evento promovido pelo Coletivo Grêmio Caldense), Deisi Corrêa, 2020

Em 1871, o antropólogo britânico Burnett Tylor, já sob a influência de etnólogos alemães, definiu “Cultura e Civilização” em sentido mais vasto, como um conjunto complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes, direito e outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. (Cuche, 1996, p.1)

Este conceito, embora antigo e amplo, é o conceito através do qual, de forma geral, a sociedade melhor define a cultura na atualidade. Abrange gastronomia, formas de agir e de pensar coletivamente e toda a gama de costumes, além dos processos artísticos e de ofícios.

Adendo sobre as diferenças culturais de Franz Boas, segundo Cuche:

Franz Boas (1858 - 1942), antropólogo que dedicou grande parte de seus estudos a investigação *in situ* acerca das diferenças culturais contraria a ideia de cultura relativa a diferenças advindas de questões étnicas e prevalece a ideia de que o meio social interfere no desenvolvimento, pois a carga genética não é a principal responsável pelo desenvolvimento humano, posto que os padrões físicos são plásticos e mutáveis.

Para Denys Cuche:

“Boas insistia em outro aspeto do relativismo cultural. Um aspeto que poderia talvez ser um princípio ético que afirma a dignidade de cada cultura e exalta o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes. Na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada.” (Cuche 1996, p 46).

Ainda sobre as diferenças culturais, Cuche (1996) discorre sobre o problema ocorrido na França, quando o governo lançou, após o episódio de grande imigração e depois de

1974, da percepção de que a imigração, até então entendida como temporária, transformou-se em algo permanente. O lançamento de “A Nova Política da Imigração” previa a difusão das diferenças culturais na qual a cultura dos imigrantes deveria ser fomentada tanto quanto a cultura francesa. Esta situação acabou por criar um abismo no processo de adaptação ao novo país. Para Cuche:

“Não se deve ver nenhuma contradição nesta atitude: "fechar" os imigrantes na sua diferença, reativar a "consciência" de sua cultura de origem faz parte também da incitação ao regresso. Contra todas as evidências, esperava-se que este regresso se desse mais cedo ou mais tarde.” (Cuche, 1996, p. 227)

Diante deste argumento é importante perceber a situação do imigrante em Portugal e a necessidade de políticas complexas que contem com a construção de interfaces capazes de conectar estes grupos, promovendo a construção conjunta de novos signos sem desrespeitar a singularidade de cada indivíduo ou limitar sua cultura ao “lugar de onde veio”. Separar o IMIGRANTE como um nicho, afasta dele a possibilidade de se enxergar como indivíduo legítimo, total e complexo, de identidade única e identificá-lo apenas por uma categorização que em nenhum universo será capaz de descrevê-lo.

Isaura Botelho (2001) analisa a cultura através de duas dimensões: uma **antropológica** e uma **sociológica**. Segundo ela, na dimensão antropológica, a cultura é produzida e circula de forma orgânica através das relações, dentro de grupos de indivíduos que são os principais responsáveis pela sua produção e manutenção. Nesta abordagem, as mudanças e a criação de novos movimentos acontece de forma muito mais lenta. A dimensão sociológica, que é o universo mais comum da prática de atuação da gestão cultural, é apresentada por ela como:

“(…) uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los.” (Botelho, 2001, p. 74).

O termo “cultura” merece o debate, tanto mais complexo quanto em sua origem estão tensões que devemos considerar críticas e criativas, nomeadamente entre cultura e colonialismo ou entre cultura e culto (Eagleton, Terry; pg. 12) mas, que para Eagleton, sua riqueza está num duplo sentido: “Com efeito, a palavra pode também sugerir uma divisão dentro de nós, entre a parte que se cultiva e aperfeiçoa, e o que quer que seja em nós que constitui a matéria-prima para tal aperfeiçoamento.” (Ibid. pág. 16)

A cultura apresentada a partir deste prisma possui um universo composto por todo um sistema de produtores, gestores, técnicos, instituições de cunho público ou privado que compõem hoje o controle (ou não) dos mecanismos de fomento para a criação, difusão e mediação do que é produzido.

Este universo vem se burocratizando cada vez mais nos últimos anos, na tentativa de se criar um sistema mais abrangente e acessível.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos em dois artigos (Artigo 22º e ARTIGO 27º), cita entre outras coisas, o direito a exigir o acesso e a tomar parte, livremente na vida cultural da comunidade.

QUANDO DIGO “RELAÇÕES”

As relações e como se constroem os diálogos

“A originalidade da aspiração de relação já aparece claramente desde o estado mais precoce e obscuro. Antes de poder perceber alguma coisa isolada, ostímidos olhares procuram no espaço obscuro algo de indefinido; (...) Pois estes olhares, na verdade, depois de minuciosas tentativas, se fixarão em um arabesco vermelho de um tapete e dele não se desprenderão até que a essência do vermelho se lhes tenha revelado.” (Buber, 2001, p. 67)

Bernard Stiegler (2010) percebeu nas relações do homem com o outro e com os objetos sociais a maior possibilidade de evolução e desenvolvimento das capacidades intelectuais através de um processo transdutivo. Sobre este pensamento, Adelaide Pacheco (2000) afirma:

“A relação entre o organismo biológico, os órgãos sociais e os instrumentos (em grego *organon*) é uma relação que Stiegler afirma, na sequência de Simondon, ser transdutiva ou de interdependência: um órgão fisiológico (incluindo o cérebro) não evolui independentemente dos órgãos técnicos e sociais. Assim, o aparelho psíquico não é redutível ao cérebro, mas depende dessa relação transdutiva e, em particular, dos instrumentos técnicos que vão servir de suporte para os processos de simbolização.” (Pacheco, 2021, p. 170)

E estas relações, segundo Stiegler, se fazem dentro de circuitos relacionais curtos e longos. Um curto-circuito não é capaz de criar mudanças, pois possui uma capacidade de transindividuação sem intensidade suficiente para criar diálogo ou transformação.

“Agora chegamos à questão da transindividuação, que é uma questão de criação de circuitos. Por exemplo, o que é um grande artista? Ou um grande filósofo? Mas também um grande arquiteto? Ou uma grande pessoa? Alguém realmente específico, singular – alguém que é reconhecido como uma singularidade que criou um novo tipo de circuito no qual outras pessoas podem entrar e continuar os circuitos. Isso é extremamente importante.” (Stigler, 2010)

Também revela, no ritual uma capacidade de transindividuação muito eficaz; pois o ritual tem a técnica de criar uma abertura onde as relações ocorrem. Estas aberturas são “espaços de transindividualização” onde você só entra se também praticar da técnica, ou não entra no circuito:

“Por exemplo, beber chá no Senegal é uma técnica. No Senegal, você tem três vezes para beber um chá. Você tem o primeiro chá, que é “attaya”, extremamente forte, o segundo eles chamam de chá da vida, e é doce, e o terceiro, que é ainda mais doce, é o tempo do amor. Mas você nunca encontrará um senegalês bebendo apenas o primeiro ou apenas o terceiro.” (Stigler, 2010)

Mas como falar sobre relações sem falar de confronto, do desencontro de ideias, da formulação de acordos quando na prática, relacionar-se, mesmo em uma pequena escala, entre um e um, significa um conjunto de todas estas tarefas maioritariamente complexas?

Diante desta ótica, perceber a relação partindo do confronto, que parece o ponto mais contrário do diálogo, mas onde o diálogo encontra um grande terreno para crescer e essa parece ser uma escolha, mesmo que por vezes nada doce.

Sobre os confrontos culturais experimentados por estudantes imigrantes provenientes de países da África e o caminho para relações interculturais no país de acolhimento (Portugal), Natércia Alves Pacheco (2000, p. 124-125) discorre sobre os fatores culturais que podem criar maiores dificuldades de adaptação ao meio e afirma a importância das redes de relação, sejam elas *monoculturais, biculturais ou multiculturais*.

Os processos de adaptação a uma nova comunidade podem passar por caminhos diversos. Félix Neto (2001) afirma que esse processo pode ser de assimilação da nova cultura, de forma que o indivíduo se distancia totalmente dos signos pertencentes a cultura do lugar de onde veio até a total negação da cultura do país onde se instalou, em um processo de total *marginalização* na sociedade em que vive.

“(…) se responder de modo dicotômico a essas duas questões, estaremos colocados perante quatro estratégias da aculturação: assimilação, integração, separação e marginalização.” (Neto, 2001).

A busca frequente dos agentes produtores e mediadores da cultura busca fixar-se em auxiliar processos de Integração, onde existe uma preocupação em criar espaços igualitários de participação no novo meio social, buscando preservar as características da identidade cultural de origem.

“É óbvio que no seu prosseguimento há custos para ambos os lados: a sociedade dominante ao mudar os currículos das escolas e os serviços de saúde; o grupo em aculturação ao mudar alguns aspectos da sua cultura que são valorizados, mas não são adaptativos. Todavia, os custos de não se adotarem políticas de integração são provavelmente ainda maiores, em especial, se o resultado final é a segregação e a marginalização.” (Neto, 2001)

OUTROS TERMOS

O **diálogo**, que compreende a conversa, a discussão ou a negociação entre pessoas, geralmente buscando um acordo entre as partes, também é descrito pelo dicionário Priberam da Língua Portuguesa como a composição em que vozes ou instrumentos se alternam ou se respondem. Neste contexto, o diálogo entre diferentes comunidades e indivíduos pode apresentar momentos intensos, sejam estes harmônicos ou com notas estridentes ou dissonantes, e é neste ambiente que os termos **interculturalidade**, **transculturalidade** e **multiculturalidade**. Embora todos estes termos estejam muito presentes no nosso cotidiano atualmente, ainda não está tão claro a todas as pessoas a que se refere. Aqui, utilizo as definições de Lisette Weissmann, doutora em psicologia pela USP, que separa e classifica os termos da seguinte forma:

“A **multiculturalidade** implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar. As diferenças ficam estanques e separadas em cada cultura, possibilitando pensar no que os antropólogos chamam, que só tem uma verdade a seguir e uma forma de pensar o mundo.” (Weissman, 2018, p. 23-24)

Aqui, amparada pelo conceito da antropóloga María Laura Méndez (2013), que compara a **transculturalidade** a formação transdisciplinar utilizada na área da educação, Lizette (2018) afirma que o termo “Propõe um trânsito pelo que é comum, ao mesmo tempo em que estabelece um intercâmbio a partir das bordas, e não se exige que nenhuma disciplina abandone sua perspectiva, nem sua posição.”

Para se iniciar um diálogo, se faz necessária a diferença de ideias, mas é na semelhança das ideias que ele se estabelece neste ambiente.

Na **interculturalidade**, o diálogo é eminente e flui organicamente nas relações sem que haja quaisquer situações em que se estabeleça uma hierarquia de alguma das partes da comunicação.

“O conceito representa um diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se

sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem. Esse diálogo tem que ser posto em prática, para ter as ideias encarnadas, fazendo-se presentes na pluralidade de pontos de vista, sem que nenhum prevaleça sobre o outro. Na visualização e enunciação das forças de poder se formarão espaços para diferentes processos de subjetivação. A interculturalidade se separa da cultura hegemônica, na procura de diálogos ou gestos interculturais.” (Weissmann, 2018, p.27)

INCLUSÃO OU COESÃO?

Um parágrafo para um entendimento da escolha da abordagem.

Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, **Inclusão** é o ato ou efeito de incluir e também a existência de uma coisa dentro de outra. Pressupõe que algo se encontra fora de algo e é colocado para dentro. **Coesão** é a aderência, a força que une entre si moléculas de líquidos ou sólidos. É união. Qualidade de coisas que estão ligadas às outras em todas as suas partes.

“Para melhor conceituarmos o campo da gestão cultural, podemos articulá-lo à ideia de mediação de processos de produções material e imaterial de bens culturais e de mediação de agentes sociais os mais diversos. Mediação que busca estimular os processos de criação e fruição de bens culturais, assim como estimular as práticas de coesão social e de sociabilidade.” (Rodrigues, 2018)

Para definir **lugar**, apropriar-me-ei da palavra enquanto espaço, ocupado ou não por um corpo, localidade, pequena povoação, situação, circunstância e (em determinadas situações e porque não?) dignidade. Na revista *Brotéria*, Pe. José Frazão Correia aborda lugar enquanto ponto de tensão entre o antes e o porvir, carregado de toda herança que trazemos para o bem e o mal e nossa busca por um “lugar melhor” ou futuro.

“Que lugar tem a memória histórica e que relação se cultiva com a tradição e com a cultura herdada? Como se perspectiva o futuro, se cultiva a liberdade e se promovem o compromisso, a criação e a criatividade? Como se cultiva o que

abre, o que eleva, o que transcende, o que apela à corresponsabilidade pelos outros, pela comunidade, pela natureza?” (Correia, 2023)

Começarei partindo do meu “lugar” de fala. Eu, uma mulher, branca, imigrante, mãe de três filhos, pessoa das artes, com 43 anos.

Meu lugar pode ser definido como o lugar de onde parti (algures no Brasil), que pode ser lido como um lugar ao qual eu pertença ou lugar que me pertence. Mas posso também dizer que meu lugar é o lugar que ocupo neste instante na sociedade.

“Somos filhos e filhas, dados à vida e depositários de uma herança: a estrutura física e psíquica de cada um, a família, a língua, o lugar de nascimento, a nacionalidade, a história. Constitui-nos uma passividade incontornável. Somo precedidos e predispostos. Antes de aprender a conjugar os verbos na voz ativa, somos conjugados na voz passiva.” (Correia, 2023)

Este lugar ocupado na sociedade parte sempre de um olhar relativo a quem olha. Posso ser a mulher brasileira, mãe de dois filhos, que não se sabe se trabalha, mas que vive com os filhos no centro de Caldas da Rainha e esse olhar pode ser o de muitos dos meus vizinhos. Mas para as finanças sou a mulher brasileira, com título de residência de estudante com permissão para trabalhar, que tem atividade aberta e trabalha com atividades diversas. Para meus filhos sou a mãe que batalha para se erguer num país novo e tenta trazer a irmã do Brasil.

Em todas estas abordagens sou mulher e brasileira. Meu gênero e lugar de origem se atravessam em todas elas.

A reflexão acima pode ser aplicada a cada um de nós e é de onde partem nossos conceitos e pré-conceitos: nosso lugar de fala e de existir no mundo.

“O *bom lugar* será um espaço humano de reconhecimento e de possibilidades, honesto e esperançoso, que se abre e que permanece aberto na tensão das parábolas: entre a origem e o destino, eu e o outro e tantos outros, o corpo e o espírito, a alma e a pele, a verdade e a liberdade, a memória e o desejo, a possibilidade e o limite, o prazer e a rotina, o sentido e os sentidos, o absoluto e o parcial, o definitivo e o provisório, o mais alto e o mais baixo de si, dos outros

e da história, o dentro e o fora de si, dos outros e da história..., sem confusão nem separação.” (Correia, 2023, p.147)

CASA E JANELA — DA METAFOROLOGIA A IDENTIDADE

Da “Maloca” a “Casa da mãe Joana”

O dicionário Priberam da Língua Portuguesa apresenta 21 (vinte e um) significados para a palavra “**casa**”. Desde “nome genérico de todas as construções destinadas à habitação” até “pequena abertura em peças de vestuário por onde entra um botão = BOTOEIRA.

No nosso cotidiano usamos a palavra para dizer que alguém é tão próximo a nossa família que “é de Casa” ou sobre nosso lugar no mundo: “minha casa agora é aqui” ou ainda sobre o final de algum projeto ou situação: “a casa caiu”.

A “nossa” casa pode mudar de forma, tamanho ou lugar, mas nos dá sentimento de pertença a um espaço nosso. Na canção gravada pelo poeta e músico Arnaldo Antunes, “A nossa casa é onde a gente está / A nossa casa é em todo lugar” e assim funciona para tantos que mudam de cidade, país ou continente.

O conceito de casa é ao mesmo tempo muito abrangente se pensarmos em todos seus significados e pessoas se pensarmos nas peculiaridades de significados que cada indivíduo pode dar ao termo.

A composição de Vinícius de Moraes (1970) habita o imaginário de muitas crianças e adultos no Brasil, que buscam criar neste universo do sonhar a “*casa muito engraçada que não tinha teto, não tinha nada (...)*” Que casa é essa? onde nada se podia fazer? Já se disse que seria o útero da mãe, outros supõem ser um ovo, mas segundo Camila Fernandes (2019), responsável por realizar análises de letras de músicas para uma plataforma online, foi inspirada na casa do artista plástico uruguaio Carlos Páez Vilaró, que o autor visitou imensas vezes e percebia que nunca estava pronta.

Na composição de Artur Fonseca, em 1953, “(...) Quatro paredes caiadas, um cheirinho à alecrim, um cacho de uvas doiradas, duas rosas num jardim (...)” e mais algumas características definiriam uma “Casa portuguesa”. Na voz de Amália Rodrigues esta canção atravessou o continente e foi ouvida e cantada em casas simples do Brasil.

A **janela da alma** (quando olhos), que abre para a nossa percepção, todas as coisas, as formas e as cores. A janela aberta para arejar a casa, deixando o vento entrar, parece não se importar com a visita do ar em movimento.

A **janela** aberta também deixa que os outros enxerguem o interior da **casa**, permite que os transeuntes entendam as dinâmicas presentes no interior e por vezes interagir.

Em síntese, é seguro afirmar que diante de toda produção poética que refere casa e janela, o poder metafórico destes dois termos é capaz de gerar relações com a psique, a sensibilidade e a paisagem mental. Uma outra canção, agora britânica, (David Jackson / Peter Hammill, 1970) veicula esta questão, sendo que em “House with no door” é explicitada a problemática de uma membrana protetora da própria capacidade de abrir – a porta: “Há uma casa sem luz, todas as janelas estão fechadas. Sobrecarregado e tenso, agora nada é revelado além do tempo”.

A **casa** pode representar lugar físico ou lugar que abriga todo um universo imaginário. **Janela** é a abertura; é a conexão entre o dentro e o fora. Uma fenda que permite nosso contato com o mundo sem nos perdermos da nossa casa.

2.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O encontro com o outro...

À medida que eu iniciava a observação do território para o desenvolvimento da **Casa da mãe Joana**, considerei impossível descartar as informações e os depoimentos recolhidos entre as pessoas para quem eu pretendia idealizar um projeto cultural.

O conhecimento dos atores e o reconhecimento do universo geográfico e antropológico e de relações sociais têm um papel fundamental na gestão do ponto de vista curatorial, social e político.

A organização dos primeiros guiões para os coletivos OSSO Associação e Grêmio Caldense, foi decisiva para perceber a necessidade de se desenvolver um novo formato de abordagem mais intimista e informal, no qual o entrevistado, mesmo sabendo que está sendo entrevistado, sintasse à vontade para falar o que pensa e até mesmo formular uma linha de raciocínio sobre seu pensamento.

Permitir que o entrevistado possa desenvolver melhor sua ideia, permite também uma resposta mais completa.

“Em situações desse tipo (como em inúmeras outras) a linguagem não “traduz” conhecimentos e idéias preexistentes. Ao contrário: conhecimentos e idéias tornam-se realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades.” (Albert, 2003, p. 2)

Também foi necessária uma pesquisa prévia sobre quem eram estes entrevistados para desenvolver uma estratégia de abordagem. Sendo assim, cada uma destas pessoas foi entrevistada de uma forma diferente, em lugares diferentes e com diferentes abordagens.

“(…) como analisar e interpretar entrevistas de história oral sem saber por que aquela pessoa foi entrevistada e sem conhecer elementos centrais de sua biografia? A análise da entrevista começa com esse entorno: quem é a entrevistada e por que se optou por entrevistá-la. (Alberti, 2003)

Como Caldas da Rainha foi delimitada como a área da pesquisa, foi mais fácil gerir as entrevistas. Os únicos entrevistados que estavam fora deste limite foram Bernardo Vilhena (Casa da América Latina) e Victor Heinsreiter (Casa do Brasil em Lisboa), ambos residentes em Lisboa. Também foi contactado para uma possível entrevista o senhor Zeferino Boal, presidente da Casa de Angola em Portugal, mas a casa encontrava-se com atividades encerradas por questões administrativas e não foi possível recolher informações sobre possíveis formas de entender a Cultura como ferramenta de coesão.

Foram entrevistadas pessoas que representavam diferentes grupos na cidade. Moradores estrangeiros e não estrangeiros, pessoas de outras regiões de Portugal, estudantes e docente da Escola Superior de Artes e Design, ex-estudantes, artistas residentes na cidade (coletivos e individuais) (*figura 3*).

O objetivo de ouvir todas estas vozes era perceber se entre elas era possível compreender alguma dissonância na perceção do território e do papel da cultura na cidade.

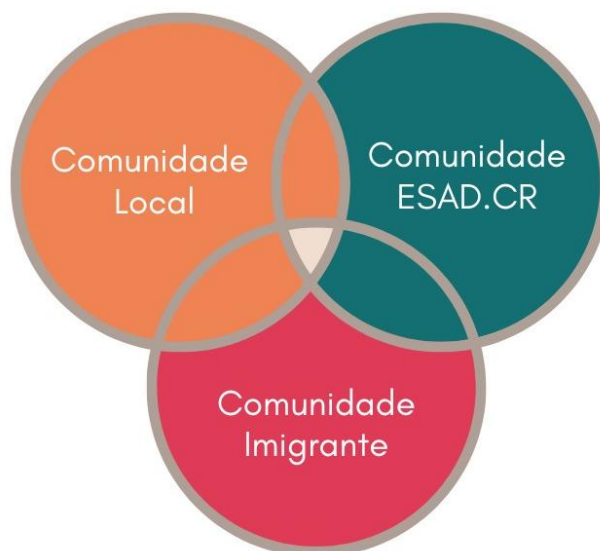


Figura 3. Diagrama metodológico para escolha de entrevistada/os.

As entrevistas foram agendadas previamente de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e ocorreram em um período estendido (2020 - 2023), portanto alguns entrevistados se referem ao período pandêmico no presente.

Percebi que pessoas entrevistadas que são mais próximas de mim, acabaram por ser mais objetivas e formais em suas entrevistas e isso fez com que eu buscasse outras pessoas de fora do meu círculo de relações.

Estipulei um guião base, com perguntas que tinham como objetivo introduzir o tema e através do qual desenvolvia o diálogo. Em concordância com Verena Alberti (2013, p. 11): “No trabalho de análise de entrevistas, há perguntas que podem nos ajudar a discutir os propósitos, as condições de enunciação e a relevância dos trechos e da entrevista como um todo.” Porém, deixei espaço para que cada entrevista abordasse alguns temas mais específicos do universo do entrevistado, inclusive relatando situações de cunho pessoal, mas que não foram suplantados, por demonstrarem o caráter humano da pesquisa.

Para preservar a identidade dos entrevistados, os nomes dos mesmos serão substituídos por um acrônimo referente ao lugar que ele ocupa no diagrama metodológico para escolha dos entrevistados, dentro do contexto deste trabalho⁶:

L = Comunidade Local

E = Comunidade ESAD.CR

⁶ Alguns entrevistados fazem parte de mais de um grupo, sendo assim apresentam mais de uma referência e quando existe mais de um entrevistado pertencente aos mesmos grupos, a referência vem acompanhada de um número.

I = Comunidade Imigrante

Como é o caso da entrevista com **L.1.** (F, 82 anos), na qual a pessoa entrevistada relatou histórias de sua infância e juventude. Estas informações demonstram sua origem e de onde parte sua perspectiva de mundo. A entrevista aconteceu em sua casa (numa aldeia da Freguesia de Carvalhal Benfeito - Caldas da Rainha, zona situada a aproximadamente 12km de Caldas da Rainha.), em frente à televisão, durante o inverno de 2020. É relevante frisar que L.1. respondeu a entrevista como se estivesse a receber uma visita de alguém disposta a ouvir o tinha a dizer. As respostas foram sempre carregadas de uma necessidade simbólica de relatar seu tempo.

As entrevistas com os coletivos OSSO, Grêmio Caldense e Grave permitiram perceber a singularidade das dinâmicas que os reuniram e a dinâmica na qual os coletivos existem e coexistem. Enquanto a associação OSSO, percebia a necessidade de um espaço físico e isso motivou a busca por uma sede, o Grêmio Caldense apresenta uma característica mais itinerante e ocupa espaços na cidade para seus eventos, propondo programação ligada à música contemporânea, em diálogo com várias outras linguagens. Estas entrevistas pautaram minha decisão sobre a Casa da mãe Joana precisar ou não de um espaço físico para existir.

As entrevistas com **L.I.1.** (F, 41 anos) e **L.E.I.1** (F, 30 anos), ocorreram dentro de um universo mais íntimo (minha residência) justamente por já termos algum contato social, sermos todas imigrantes brasileiros(as) e termos algumas experiências em comum. Foram entrevistas bastante objetivas. **L.I.1** (F, 41 anos) trabalha como autônomo(a), instruindo e aconselhando e auxiliando pessoas interessadas em migrar para Portugal, através de informações sobre os processos legais necessários para a concretização deste objetivo.

L.E.I.1 (F, 30 anos), desenvolve todos os processos de produção e gestão de um coletivo artístico. Foi estudante no curso de Mestrado em Gestão Cultural da ESAD.CR e realiza serviço de gestão junto a outros projetos com os quais estabeleci relação, nestes anos em Portugal. Suas respostas partem de quem me reconhece como igual enquanto imigrante e agente da Cultura.

A entrevista com **L.E.1** (M, 34 anos) ocorreu no dia 08 de março, às 16h no Cais do Parque. **L.E.1** não estava a frequentar a escola e meu interesse estava muito pautado

na sua experiência como estudante, sendo morador(a) da zona. Ele não é nativo(a) de Caldas da Rainha, mas sim de uma cidade próxima (Óbidos), porém vive hoje na cidade sendo Caldas da Rainha o centro de Serviços mais próximo, a relação dele com a cidade tem imensa representatividade sobre a sua formação como indivíduo(a) e profissional. **L.E.1** foi aluno(a) do curso de Design Gráfico na ESAD.CR e hoje, embora realize alguns projetos artísticos, trabalha no comércio local. Ao escrever este capítulo, tomei conhecimento de seu retorno à escola.

A entrevista com **L.E.I.2** (M, 30 anos) aconteceu no restaurante “Bites & Bitaites”, no Centro de Caldas da Rainha e tinha um horário para terminar. O(a) entrevistado(a) foi escolhido(a) por ter um perfil de imigrante um pouco diferente dos demais, já que é portador(a) de um Passaporte Europeu e não tem as mesmas complicações para migrar que alguns dos demais entrevistados provenientes de outro país.

A entrevista com **E.** (F, 21 anos) aconteceu no dia 28 de janeiro, no átrio da ESAD.CR. Para que isso ocorresse, comuniquei a administração da escola e preparei o espaço com um tapete, um puf para os possíveis entrevistados e uma placa a dizer o objetivo da intervenção. A pessoa entrevistada leu a placa e concordou em ser fazer parte da minha pesquisa, através de um diálogo que durou aproximadamente 45 minutos. A entrevista fez-me perceber uma perspectiva um pouco diferente pois **E.** descreveu o seu cotidiano muito limitado ao universo acadêmico, mesmo suas relações de amizade, não extrapolam este universo, pois vive com outros colegas da escola. Como é de uma outra região de Portugal, também se adaptou à nova cidade. A perspectiva de **E.** sobre os alunos estrangeiros está limitada a alunos de Erasmus que apresentam um contexto diferente dos alunos estrangeiros não participantes do programa de intercâmbios. **E.** demonstrou ficar a vontade e aberto(a) a cooperar com a pesquisa.

L.E.2 (M, idade não mencionada) foi entrevistado(a) em dois momentos, por falta de disponibilidade. Então logo no final do primeiro encontro, no dia 28 de março de 2022, agendamos o segundo para uma semana depois. A entrevista correu de forma bastante positiva, sendo que foram cedidas informações sobre o setor cultural em Portugal que eu ainda não tinha acesso, como a distribuição de recursos para a área.

A entrevista com o Grave Coletivo ocorreu depois de uma visita que realizada ao atelier

do coletivo sem muita formalidade, pois estavam instalados à pouco tempo em uma residência vizinha a minha casa. Foi realizada uma visita rápida, durante a qual foram abordados dois dos artistas fundadores da associação, agendando-se uma entrevista, na qual durou cerca de 1h30 e apresentou olhares diferentes pois o coletivo que conta com pessoas com trajetórias diferentes interferindo no espaço urbano de Caldas da Rainha estava iniciando suas atividades na época e conseguia expressar pontos onde suas ambições, enquanto artistas urbanos, se cruzavam e agregavam ao grupo.

A entrevista com **L.2.** (F, 59 anos) é responsável autárquico(a) e precisou ser remarcada uma vez por conta de demandas institucionais. No dia marcado para a entrevista, **L.2.** solicitou a entrega prévia do guião para análise e só depois de uma semana, nos reencontramos para então, realizarmos a entrevista. Na entrevista, foram abordadas novas formas de enxergar a dinâmica artística e cultural da cidade, bem como suas peculiaridades. Como **L.2.** já tinha tomado posse das perguntas, acabou por discorrer sobre os temas sem que houvesse muitas interrupções, a não ser quando eu percebia necessidade de entender melhor algum ponto.

As entrevistas, de modo geral, não apresentaram apenas fatos, mas sim um compilado de percepções e depoimentos dos entrevistados, carregados de toda uma perspectiva particular, que acredito serem importantes para o projeto, visto que o mesmo é planejado e executado para um público feito de pessoas advindas de um mesmo território que os entrevistados.

“Produzir entrevistas de história oral não é tarefa trivial; analisá-las e interpretá-las, tampouco. Cabe ao pesquisador que opta por essa metodologia cuidar para que seu trabalho seja feito com qualidade e responsabilidade” (Alberti, 2013, p. 12)

SOBRE O TERRITÓRIO DO PROJETO

Percorrendo o Terreno

Mas e fora deste contexto? Quais as comunidades que abrangem esta escrita? Entrevistando pessoas no território, foi possível encontrar muitos grupos que se caracterizam por estabelecerem um ideal, discurso ou interesse comum. Ou seja, são diversas as comunidades presentes no território em que o projeto se propõe a ser aplicado, mas optei por questões de pertencimento, a estudar e explorar os meandros das relações e “não relações” nas comunidades que me vi inserida. A comunidade da ESAD.CR-CR, comunidade de moradores de Caldas da Rainha como um todo e comunidade imigrante brasileira. A ideia era buscar os lugares onde estas comunidades se encontram e dialogam e onde se afastam entre si.

“Para além dessa definição ainda pouco precisa, a palavra comunidade sugere uma forma de relacionamento caracterizada por altos graus de intimidade, vínculos emocionais, comprometimento moral e coesão social; e não se trata apenas de um vínculo passageiro. As relações caracterizadas como comunidade têm sua continuidade no tempo.” (Mocellim, 2011, p.106)

COMUNIDADE – CALDAS DA RAINHA

“O cenário cultural das Caldas, eu diria que pode ser (não conheço todos, portanto não posso afirmar), mas pode ser dos mais entusiasmantes do país todo e eu até diria que se calhar, se fossemos para a Espanha... mesmo assim ainda estaríamos bem referenciados.” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha)

Com o objetivo de perceber melhor o território e as influências que o mesmo pode exercer sob um projeto, foi fundamental buscar conhecer os caminhos que permeiam o mesmo e as “comunidades” que podem interferir no projeto. Partindo da ideia de Mocellim (2011), quando afirma que o espaço também é importante na caracterização da comunidade, devido aos vínculos espaciais que propõe, é importante frisar que este trabalho foi totalmente baseado e pautado na ideia de território enquanto Caldas da Rainha, Portugal.

Isso pressupõe a região que compreende o Centro da cidade e se estende a periferia e aldeias.

Situada a pouco mais de uma hora de Lisboa, o Concelho das Caldas da Rainha, pertencente ao distrito de Leiria e conforme censo de 2021, conta com uma população de 51.729 habitantes e é constituída por 16 Juntas de Freguesias. Sua localização em relação ao maior polo de atividade artística e cultural do país (Lisboa) atrai imensas pessoas por possuir a infraestrutura de uma cidade de serviços facilitando a vida cotidiana, longe da efervescência de uma grande metrópole.

“Eu não comparo Caldas com as grandes urbes porque não é justo comparar uma cidade deste tamanho com uma grande urbe. Mas eu devo dizer que muitos artistas me têm dito que é mais estimulante ser residente em Caldas da Rainha enquanto artista e enquanto integrando uma comunidade artística, porque é uma cidade de 15 minutos a pé em qualquer direção.” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

Após candidatura efetivada no ano de 2019, a cidade foi eleita “Cidade Criativa” da UNESCO e possui valioso património histórico-cultural, estrutura para eventos de pequeno e médio porte, um parque para recreação familiar, um espaço de mata para caminhadas e corridas, uma sala de teatro de pequeno porte (Teatro da Rainha), um Centro Cultural e de Congressos com estrutura para eventos com auditório para 660 pessoas, que tem também um auditório menor e espaço de galeria de exposições e café, um Centro de Artes (complexo onde situam-se o Museu Barata Feyo, o Atelier - Museu António Duarte, Leopoldo Almeida, Espaço da Concas e o Museu João Fragoso (fechado para reforma), além de ateliers para artistas residentes), o Museu da Cerâmica, biblioteca e outros espaços para exposições e concertos.

Possui também o primeiro museu construído exclusivamente com este propósito em Portugal, na década de 40: o Museu José Malhoa, que homenageia e abriga em seu acervo uma importante coleção de obras do pintor.

“Penso que, neste momento, Caldas da Rainha deve ser dos meios (senão o meio) mais entusiasmante para uma comunidade artística de eventos. Sobretudo nas artes plásticas ou nas artes de mãos. Nas artes performativas também é

interessante, mas talvez não tanto porque também as artes formativas sobretudo teatro não está no seu melhor momento. Nós temos uma companhia de teatro interessante a nível nacional (que é um privilégio para nós), mas não existe uma comunidade de artes performativas tão alargada como existe nas artes plásticas, até por força da ESAD.CR”. (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

Mas para além das informações técnicas e dos textos que encontramos na internet que buscam vender um destino turístico, quais as outras perspetivas que Caldas da Rainha pode apresentar? Uma cidade tranquila. Esta característica pode ser percebida como positiva ou negativa. A “tranquilidade” por si só pode ser lida como ausência de barulho, de movimento, de agressividade, de qualquer tipo de turbulência. Caldas da Rainha é uma cidade caracterizada pela arte e cultura. Uma cidade com todas as potencialidades para isso. Os alunos da Escola Superior de Artes e Design movimentam o universo artístico, mas este movimento é sentido onde? Quem acompanha e se embala por este “barulho”?

“O cenário da cultural da cidade enxergo ele como um... como que eu vou explicar isso? Conservador de uma certa forma... Falando de um contexto geral: elitista e muito fechado.” (L.I.1., F, 41 anos) morador(a) do Centro de Caldas da Rainha)

Acompanhando o movimento promovido pelos agentes culturais locais, é evidente que muitas coisas acontecem na cidade. Exemplo disso é a variedade de coletivos promovendo ações em equipamentos culturais e alternativos da mesma. Mas o acesso é ainda limitado. Não de forma direta, mas parte da comunidade local (habitantes de Caldas da Rainha) não se sente pertencente ou convidada a participar destes eventos e outra parte sequer toma conhecimento de sua existência.

Esta falta de conhecimento se deve em parte a um ruído extremo na comunicação destes eventos e por outro lado, pela total falta de interesse e por vezes, pela marginalização criada sobre a classe artística.

“Falando de comunidade da cidade, é uma comunidade ainda muito preconceituosa, (...) que vive ainda parece nos anos 90 a 2000. O sentimento é esse.” (L.I.1., F, 41 anos, morador(a) do Centro de Caldas da Rainha.)

Esta fala faz referência a forma como parte significativa dos habitantes da cidade passou a julgar o movimento artístico criado pelos “diferentes” (alunos e ex-alunos da escola de Artes e design) na cidade. Estas pessoas, que na maior parte das vezes chega de outras regiões de Portugal ou de outros países e apresentam um estilo caracterizado pela cultura urbana, com seus cabelos coloridos, questionamentos sobre os processos, as instituições e poderes vigentes, como acontece há séculos entre as comunidades artísticas e culturais dispostas a crítica social e utilizam o vestuário como signos para expressão destes posicionamentos, são vistas por uma faixa da comunidade (local) como “estranhos”. Este processo, quando não mediado, acaba por criar um obstáculo ao diálogo entre estes dois grupos.

“Porque a cidade, na verdade (e nisto vou ser muito radical, mas é o que eu sinto da cidade), é uma cidade burguesa, conservadora e extremamente inculta. Ou seja, está completamente desligada da experiência estética e da experiência da fruição artística e cultural.” (L.E.2., M, docente na ESAD.CR-CR)

Esta observação leva a reflexão sobre a interferência do Estado Novo português na Cultura, através do processo relativo à falta de acesso à educação por grande parte da população. Mesmo com o alargamento das políticas de acesso e expansão para o ensino superior pós-revolução a partir de 1974, (Cabrito, Belmiro Gil Goiânia, p. 209-227, jul./dez. 2011) Portugal apresenta uma fatia da população que reflete esta carência. Entre muitas pessoas, não existe uma formação de pensamento crítico e experiência estética com estruturas sólidas.

“(…) E aos 8 anos fui para a escola e fiz a terceira classe, depois não fiz a quarta, porque naquele tempo, aos 12 anos acabava a escola. Se aprendesse, aprendia. Se não aprendesse... Ainda me lembro de uma rapariga (já morreu) que quando a professora lhe disse “Olha! A partir de agora não podes vir mais” (ela tinha uns 12 anos), ela chorou tanto, tanto, nos degraus da porta da escola... nunca me esquece isto.” (L.1., F, 82 anos)

Do ponto de vista dos alunos que chegam de outras regiões, a perspectiva pode ser diferente. É o caso da resposta que E. (F, 21 anos) apresentou enquanto entrevistado(a). E. nasceu em Queluz, mas viveu a infância toda em Benavente, que segundo ela é uma vila no campo e afirma que se sente mais perto de Benavente em Caldas da Rainha, porém percebe que a cidade oferece um cruzamento entre as duas realidades:

“(…) aqui há um bocado mais cultura, de movimento, de energia, de coisa acontecer, como se pode dizer que existe em Lisboa. Mas também é um sítio bastante fechado, onde se sai à rua e se reconhecem as caras à medida que o tempo vai passando. Nesse sentido temos bastante proximidade com as pessoas com quem nos cruzamos. (…)” (E. , F, 21 anos, Estudante ESAD.CR-CR)

COMUNIDADE – ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN – ESAD.CR

Fundada em 1990, a “ESAD.CR-CR” (conforme é conhecida a Escola Superior de Artes e Design – Caldas da Rainha) é uma das escolas do Instituto Politécnico de Leiria e conta hoje, conforme informações retiradas do site da instituição, com 1650 estudantes mais de 130 docentes e oferece formação em Artes Plásticas, Design Industrial, Design de Produto em Cerâmica e Vidro, Design Gráfico e Multimédia, Design de Ambientes, Som e Imagem, Teatro e Programação e Produção Cultural, Gestão Cultural.

Seu complexo conta com estrutura com 3 edifícios, sendo um deles o edifício agraciado com o prestigiado prémio SECIL de arquitetura e estrutura física com salas-atelier, incluindo as oficinas de gravura, madeira, metais e multimédia, auditórios e anfiteatros, cantina e outros espaços coletivos para suporte da produção e pesquisa para os alunos.

“Na ESAD.CR, a formação apoia-se em processos de ensino-aprendizagem práticos, críticos e de natureza experimental, intermediados por intensos debates teóricos e transdisciplinares sobre a cultura contemporânea e as suas múltiplas formas de expressão.” (ESAD.CR)

A escola possui também duas residências estudantis para hospedagem de alunos vindos de outras regiões de Portugal ou estudantes internacionais.

Hoje o Campus conta com uma estrutura de 8 edifícios, 8 cursos de licenciatura, 7 cursos de mestrado, 4 cursos de TeSP e workshops e oficinas de curto período.

Todas estas informações acima apresentadas, retiradas na plataforma online da escola parecem estar aquém da demanda gerada pelo número de alunos que frequentam os cursos da escola hoje. Durante as sessões de entrevistas, alguns dos entrevistados fizeram

referência a isso, inclusive sobre um histórico no qual a escola era negligenciada pela administração do Instituto Politécnico de Leiria.

“Éramos o parente pobre do IPL. OK, provavelmente ainda continua assim... Mesmo em termos de condições e, lá está, já passou muito tempo e, hoje (...), as coisas estão muito melhores porque, pelo menos visto de fora, por fotografia, está tipo dez vezes maior. Mesmo a biblioteca, está dez vezes melhor, mesmo em termos de condições, as salas de aula. Acho sinceramente que está melhor, ou seja, visto de fora, porque ainda não tive propriamente coragem para voltar” (L.E.1., M, 34 anos, ex-aluno da ESAD.CR-CR.)

Segundo o(a) professor(a) L.E.2.(M), a situação toda deriva do fato de Portugal não ser um país com recursos a sobrar e toda decisão demorar tempo a virar realidade:

“A escola é pobre, o país é pobre, dentro dos países europeus, portanto, as próprias estruturas que existem são, no fundo, muito básicas: assegurar um refeitório, as próprias residências de estudantes (que seria uma ajuda) é muito diminuto, ou seja, não corresponde à população de estudantes que hoje existe. Mas também é verdade que a escola foi pensada para 700 alunos e hoje têm 1.700, portanto a realidade é completamente diferente e tudo demora muito tempo. Há um projeto para construir uma residência para mais 200 ou 300 estudantes, mas tudo isso anda a ser pedido há anos e vai demorar, se calhar, mais 3, 4, 5 anos.” (L.E.2.M, docente na ESAD.CR-CR)

COMUNIDADE – IMIGRANTES EM CALDAS DA RAINHA

Victor Hastenreiter, técnico do Gabinete de Orientação e Encaminhamento da **Casa do Brasil em Lisboa**, afirma que os desafios são imensos, pois a casa acompanha o processo das dificuldades que passam os imigrantes quando chegam. A partir daí, a entidade deixa de ser um lugar de atendimento limitado ao suporte técnico, para participar também de toda uma discussão política acerca das necessidades deste grupo.

Em um estudo realizado em 2020, promovido pela autarquia foram identificadas 40

nacionalidades de estrangeiros a residir na União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro, nas Caldas da Rainha (Leiria). Os dados foram apresentados pelo autor do estudo, Ricardo Gomes e segundo o mesmo, indicam que o Brasil é o país de onde vêm o maior número de estrangeiros, com 296 residentes, sendo eles 154 homens e 142 são mulheres. (CM., 2020)

“Eu vivo nas Caldas há 4 anos e meio, sou brasileira, gaúcha de Porto Alegre, Rio Grande do Sul tenho 41 anos e 3 filhos que frequentam escola aqui. Sou produtora de eventos e trabalhei no Brasil por quase 16 anos com produção de eventos, mas aqui em Portugal as pessoas não respondem nem os meus e-mails” (L.I.1., F, 41 anos, morador(a) do Centro de Caldas da Rainha.)

“Claro que em relação ao Brasil, existe todo o estigma por trás do que é ser brasileiro e, em especial, do que é ser brasileira e vir para Portugal. O porquê, a motivação de ter vindo para cá.” (L.E.I.1, F, 30 anos, Produtor(a) e gestor(a) cultural)

L.2., (F, 59 anos), divide em dois níveis a multiculturalidade em Caldas da Rainha. Uma proveniente da comunidade estudante, que chega à cidade por conta das condições culturais da cidade e dos cursos oferecidos por todas as escolas nela presentes (expatriados) e outra, em maior volume, de pessoas que vêm para o país em busca de trabalho (os imigrantes).

“Como é que nós devemos politicamente, e até individualmente, olhar para os problemas decorrentes da chegada em massa de migrantes? Uma pessoa nunca é um problema. Mas os conflitos ou as situações que podem ocorrer podem ser um problema e têm que ser tratadas politicamente.” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

Este trabalho não se apresenta como um estudo específico sobre a imigração, porém, sendo esta uma condição inerente a proponente deste projeto, esta temática está inserida de forma orgânica em vários momentos, cruzando as relações do mesmo com o território e a comunidade, convertendo-se assim em um dos vértices do universo desta pesquisa.

Infinitos parágrafos podem ser tecidos sobre as razões que fazem indivíduos migrarem, mas aqui, buscar-se-á tratar o tema partindo do indivíduo migrante, já fora do seu **lugar** de referência. Este indivíduo completo de identidade cultural (num sentido humano) que chega em um novo território, também com sua identidade cultural e ideiação de completude.



Figura 4. “Aqui do lado” (Rua do Funchal - região ocupada maioritariamente por imigrantes no centro de Caldas da Rainha), Deisi Corrêa, 2023

“TUDO JUNTO, REUNIDO” OU “CADA UM NO SEU QUADRADO”?

Os meandros culturais existentes (ou inexistentes) nas relações entre a comunidade caldensa, a Escola Superior de Artes e Design ESAD.CR e a comunidade imigrante



Figura 5. “O Caldas” (Evento Caldas Late Night, Parque D. Carlos, Caldas da Rainha), Inês Moniz Sousa, 2022

Quando falamos de relações, na busca por uma realidade intercultural é importante perceber onde e como acontecem. Onde elas se cruzam, se comunicam ou se confrontam. Para isso, é necessário buscar diferentes olhares vindos de direções diferentes. Ouvir, analisar e validar cada experiência. Na cidade existem alguns pontos onde o diálogo acontece. Um exemplo disso é o Silos Contentor Criativo, que oferece espaço de ateliers e reúne alunos da ESAD.CR, antigos alunos, criativos sem relação com a escola e membros da comunidade com interesse em cultura. Também promove o “Bazar à Noite”, que reúne fazedores de arte e cultura e apresenta à comunidade projetos e trajetórias de pessoas através do projeto “FICAS”. Ou seja, é uma iniciativa com uma trajetória não só importante, mas quase pioneira para a criação deste diálogo. Esta iniciativa é, com certeza, a mais próxima de um diálogo entre todas as três comunidades tratadas até aqui.

Outra oportunidade que derruba as barreiras e promove o contato direto entre estes dois universos é o movimento do Caldas Late Night, evento anual, realizado, inicialmente por alunos que hoje conta com não alunos também na organização e provoca uma catarse cultural na cidade com exposições nas montras, moradias, apartamentos, lojas e espaços ociosos e públicos.



Figura 6. “O Caldas” (Evento Caldas Late Night, Parque D. Carlos, Caldas da Rainha), Inês Moniz Sousa, 2022

O evento, que é caracterizado pela distribuição de mapas com os locais de exposição, exposições, performances e concertos não é organizado pela escola e a mesma não busca tutelar o evento, mas os alunos continuam sendo os principais responsáveis pela realização e gestão do mesmo enquanto artistas e produtores. Obviamente os artistas também se convertem em público de forma orgânica, misturando-se com os demais moradores em visita aos espaços.

“Eu acho que a ESAD.CR em si e a cidade das Caldas da Rainha, não estão completamente separadas, mas extremamente distantes. Eu vejo os estudantes da ESAD.CR de um lado, os moradores das Caldas de outro. Não choca mais...

acho que é um começo. Mas eu não vejo uma aproximação muito grande. Eu não acho que a escola saiba usar a cidade e a cidade saiba usar a escola. Eu acho que ambos querem, mas, na prática, não consigo ver muito esse contato. E você consegue ver alguns focos de tentativas. Eu não sei se Caldas Late Night pode ser um foco porque não é bem da escola.” (L.E.I.2, M, 30 anos, estudante ESAD.CR.)

Entre os alunos de licenciatura, muitos participam do evento e isso acaba criando alguma forma de envolvimento. Assim como a participação destes alunos em programação nos equipamentos culturais da cidade. Porém o que se percebe é que estes eventos não criam interação cultural suficiente para gerar um diálogo real entre as comunidades.

Mas do ponto de vista dos alunos, é possível perceber satisfação nestas propostas que fazem extrapolar os limites da escola enquanto edifício. Em entrevista com uma aluna da escola, que possui uma rede de contatos totalmente pautada nas relações com a escola, recebi um importante feedback:

“Acho que uma coisa bem visível é que, quando se sai à rua, é quase como se as Caldas fosse escola e a escola fosse as Caldas... porque saio da escola e parece que ainda estou na escola. É uma extensão.” (E., F, 21 anos – Estudante ESAD.CR)

Porém, diante de sua condição, E. percebe que seu olhar pode possuir alguns “pontos cegos”, ou melhor, percebe que o olhar não alcança todos os entendimentos destas relações:

“Eu não sei. Como também, se calhar, estou inserido(a) nesse núcleo e não permaneço cá como alguém que habita as Caldas e não estuda, não tenho essa visão. Eu acho que nós conseguimos criar alguma dinâmica a nível cultural, apesar de achar que também não é assim tão grande..” (E., F, 21 anos, Estudante ESAD.CR)

“Quando a escola foi aqui instalada, há uns 30 anos, havia uma desconfiança profunda do ambiente, algo pouco cosmopolita da cidade, com pessoas que vinham com cabelos azuis e calças rotas e traziam um cão com uma corda. De facto houve uma estranheza enorme, felizmente, com a convivência, essa estranheza diluiu-se e acho que a cidade só iria verdadeiramente perceber o quanto

já interiorizou esta comunidade se ela desaparecesse.” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

Mas aparentemente, existe uma rutura nessa relação, para a qual ainda é importante que se criem pontes.

“Há um divórcio entre o que é aquele espaço enquanto objeto de valorização. As pessoas valorizam o Hospital Termal ou valorizam os Pavilhões do parque, valorizam o Museu Malhoa e valorizam, se calhar até, a Câmara municipal (que é um edifício digno, embora não tenha propriamente valores arquitetónicos) e não valorizam talvez o único edifício que foi objeto de um prémio e que foi premiado nos últimos anos. Isso é um trabalho que temos que fazer. Também a ESAD.CR não tem feito isso”. (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha)

A fala de L.2. (F, 59 anos) se legitima na fala de L.1. (F, 82 anos, morador(a) da cidade) que, na ocasião em que lhe perguntei se conhecia a ESAD.CR: “Não. Nunca fui lá. Nem sei onde é que é a escola de artes. É ali no Parque?”.

Esta dificuldade em enxergar o edifício com a importância que ele apresenta para a cidade, apesar de seu valor arquitetónico pode estar ligada a falta de integração da própria Escola à cidade.

“Eu acho que essa apresentação nunca chegou a ganhar um ritual, ou seja, acontecer as pessoas saberem, terem a consciência das coisas que a escola faz nas áreas todas, não é? Cerâmica, design, multimédia, teatro, etc...Não há, digamos, uma temporada, como se diz. Há uns anos atrás, havia um pouco este ritmo da exposição de finalistas que coincide, no fundo, com o ritmo pedagógico do final do ano e havia nessa altura um momento, uma semana ou 2 semanas, em que as coisas eram mostradas.” (L.E.2., M, docente na ESAD.CR-CR)

Este ruído acaba por ser alargado por não existir um mediador entre estes dois universos. Esta falta provoca um confronto onde poderia existir um meio de integração, pois não parece existir esta noção de que todos os lados podem ser parte da solução ou parte do problema, simplesmente disponibilizando um intermediário.

“Quando eu vim, quando eu cheguei em Caldas, na verdade eu fui à ESAD.CR perguntar na secretaria sobre informações do curso... que eu tinha ligado e não tinha tido um bom atendimento pelo telefone. E fui lá conhecer e também acabei não tendo. (...) eu cheguei lá e não consegui falar com a organização, né? A secretaria estava fechada, era só... estava reservada aos alunos e era por telefone o atendimento (era em 2020). Só cheguei, vi brevemente um pátio ali, o átrio da universidade e foi isso. Foi breve.” (**L.I.2.**, M, artista plástico)

Para quem acompanha o desenvolvimento desta relação ou “não-relação” entre a cidade e a escola, existem algumas mudanças, mas nem sempre no sentido de criar um diálogo.

“Primeiro, estamos numa cidade que é uma cidade de cultura. Temos a cerâmica, que é uma coisa muito caldense, mas também é uma cidade super fechada. (...) ou seja, estamos numa cidade da cultura das artes e há a cultura das touradas. Ou seja, isso é um choque dentro da cidade. (...) E com o passar dos anos, também notei que os alunos estão cada vez mais moles, no sentido do querer fazer, estão muito mais fechados. Enquanto nos meus primeiros anos o pessoal encontrava-se todo mundo na Praça (Praça dos bares) e podíamos estar a noite toda nos copos, mas a falar, a partilhar coisas...” (**L.E.3.** M, artista plástico)

Os equipamentos existentes na cidade seriam um recurso que criasse um diálogo entre a cidade e a escola, partindo do outro lado desta discussão? Talvez sim, partindo dos artistas que vivem e criam neste território, este é o fator mais representativo de demanda para os mesmos e talvez seja uma forma de atenuar também esta situação, criando espaços físicos com abertura para o diálogo entre estas duas comunidades.

Segundo **L.2.** (F, 59 anos), diante da resposta dada por alguns artistas durante o período da campanha eleitoral de 2021, o papel da autarquia deveria ser apenas de não obstruir ou criar obstáculos aos trabalhos dos artistas. De manter os equipamentos em condições apropriadas para a receção dos trabalhos e eventos realizados.

“Do ponto de vista dos equipamentos, aí sim, há muitos desafios... Caldas da Rainha tem, ao longo dos anos, vindo a construir muitos equipamentos que constituem um grande peso de manutenção. No sentido dos equipamentos e da própria da própria estrutura, isso é um peso por vezes difícil de comportar. O

Centro de Artes, por exemplo, herdámos muita coisa. Algumas delas em muito mau estado e, portanto, isso acaba por ser um grande esforço” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

E COMO SE DÁ A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS, CIDADE E IMIGRANTES?

Somos muitos. Mas somos muitos mesmo e enquanto se caminha pela cidade as línguas e os sotaques misturados podem criar confusão nas cabeças dos transeuntes, mas qual a representatividade e protagonismo destes grupos no território? Quais são as referências destas pessoas?

“Como ficamos em casas com estudantes, essencialmente há essa diversidade cultural e depois, também, o relacionamento com as pessoas de fora, do Erasmus, que acho que também consegui cruzar-me com bastantes deles. Como muitos deles entraram na minha turma ou estavam na minha turma, eu sempre tentei, por curiosidade também, perceber de onde é que vinham, o que é que faziam e acabei por ganhar mais à vontade ao longo dos tempos para me relacionar com eles. Por exemplo, há pouco tempo consegui participar de num filme de uma rapariga que veio da Polónia e é Erasmus e acho que consegui viajar um bocado com eles também porque como nunca saí de Portugal. Estas pessoas que saem dos sítios, de outros lugares do mundo para cá, e que trazem um bocadinho do lugar deles, sente-se muito e é bom para mim ter essa capacidade de poder viajar através das outras pessoas, mesmo não indo aos lugares, indo com elas quando me cruzo.”
(E. F, 21 anos, Estudante ESAD.CR)

Voltando às duas vertentes de estrangeiros mais comumente classificáveis que são a vertente de “expatriados” e “imigrantes”, busco exemplos de diferentes realidades e ainda levanto a questão do quão híbrida, neste sentido, pode ser esta condição. Por exemplo, qual a possibilidade de um imigrante, tornar-se em Portugal, um trabalhador qualificado? E quais situações levam um “expatriado” que chega ao país para estudar, à uma situação de vulnerabilidade, semelhante a de um imigrante não qualificado?

Existem muitas diferenças de tratamento e oportunidades e estas diferenças começam no tipo de facilidades que alguns estrangeiros têm e outros não. o olhar dado a cada um deles muda de acordo com o peso social que estes perfis carregam. De modo geral, através de uma perspetiva social:

“Nunca as pessoas são problemas, mas os conflitos que se podem, ou as situações que podem ocorrer. Essas podem ser um problema e têm que ser tratadas politicamente. Têm que se criar mecanismos para fazer uma maior integração. Uma autarquia como Caldas da Rainha tem poucos mecanismos, mas os que temos queremos pô-los à disposição. Eu gostaria muito de, inclusivamente, criar alguns mediadores culturais ligados à Câmara Municipal para nós podermos chegar mais facilmente às comunidades.” (L.2., F, 59 anos, responsável autárquico(a) em caldas da Rainha).

Quando questionada sobre as dificuldades criadas no âmbito profissional, pelo facto de ter uma nacionalidade estrangeira, L.I.1. (F, 41 anos), afirmou que:

“(...) Todos. Absolutamente todos. E não só no desenvolvimento do meu trabalho, mas no desenvolvimento da minha vida, como um todo na cidade. Eu, por exemplo tentei entrevistas e reuniões com o departamento que faz eventos da cidade e eles nem marcaram. Nenhuma das vezes responderam. Não me chamaram nem para trabalhar como voluntária, então para mim isso não tem explicação que não seja o preconceito.” (L.I.1. (F, 41 anos), morador(a) do Centro de Caldas da Rainha.)

O território de relação entre a escola e os alunos imigrantes/expatriados também não apresenta ferramentas necessárias para um diálogo real entre ambos:

“Assim... (eu posso estar cometendo um grande erro aqui em falar isso) mas eu acho que é curioso. Inclusive eu acho que as pessoas se preparam mais para receber os estrangeiros que falam inglês do que os estrangeiros que falam a própria língua. (...) Eu acho que a escola às vezes se prepara melhor para receber alunos que não entendem o português (e aí imagino que aparecem até mais auxílios nesse caso), do que quem é brasileiro e acha que só pelo fato de a gente falar a mesma língua, a gente entende o que o outro está falando.” (L.E.I.1., F, 30 anos, Produtor(a) e gestor(a) cultural)



Figura 7. “Noite nas Caldas” (Rua do centro de Caldas da Rainha), Deisi Corrêa, 2020

A língua é um fator que liga culturas, porém também é muito importante saber o que nos difere para que haja real interculturalidade e transculturalidade. É na diferença que ocorre a descoberta de novas perspectivas. Reconhecer no outro novas formas de ver o mundo e solucionar problemas amplia o acervo interno de possibilidades, como

determina o artigo 3º da Declaração Universal Sobre Diversidade Cultural (UNESCO, 2001):

“A diversidade cultural alarga o leque de opções à disposição de todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não apenas em termos de crescimento económico, mas também como meio para alcançar uma existência intelectual, emocional, moral e espiritual mais satisfatória.” (UNESCO, 2001)

“Eu entro na escola com o meu passaporte italiano, como cidadão da União Europeia e pago a mesma coisa. Talvez por eu entrar como europeu, talvez eles não entraram em contato comigo, mas, tirando isso, todo mundo percebe que eu sou brasileiro e é uma palavra que tu dizes e eles já conseguem perceber, mas nunca teve uma pergunta sobre a adaptação.” (L.E.I.2., M, 30 anos, estudante ESAD.CR)

UM FECHAMENTO DESTA ETAPA

Enfim, as sessões de entrevistas encerraram já a altura avançada da escrita do projeto e assim foi interferindo nos processos de escrita e aplicação do mesmo.

Foi necessário ir e voltar várias vezes a cada entrevista para um melhor entendimento de cada relato. Ao fim de todas as sessões de entrevistas realizadas, foi possível perceber as diferenças não só de “o que” cada um enxerga das comunidades e das relações como também as percepções que cada um tem de seu lugar e sua participação em determinada situação. Embora esta pesquisa tenha sido provocada por uma percepção particular e pessoal, só através das vozes de todas as pessoas que fizeram parte desta etapa de entrevistas, foi possível entender algumas particularidades da realidade do território, através do entendimento que cada um tinha sobre um mesmo detalhe. O que para mim, se apresenta como um problema, para o outro pode ser só uma resposta natural a um fenômeno social e carece só de aceitação e aquilo que por mim carece apenas de tolerância, para “o outro” demanda resposta. A resposta para minhas inquietações pode não estar tão clara, mas já posso pisar neste terreno com “olhos de ver”. Olhos que enxergam e legitimam muita da matéria que compõe este território, para que nele se possa construir algo.

3. METODOLOGIA

A CASA DA MÃE JOANA

Sobre o projeto

A Casa da mãe Joana é a minha resposta possível, proposta ao território de Caldas da Rainha, concebida no sentir, gestada na pesquisa e que aqui se apresenta nascida, enquanto projeto. Ela nasce enquanto **casa**, por ter sido busca por um **lugar** onde a construção de pontes seja possível e abre sua grande **janela** para outros mundos, ideias e experiências. Nela proponho esse lugar.

Tudo neste projeto foi pensado para que ele fosse “fazível”. Então a proposta era que ele acontecesse, mesmo que para isso fosse necessário que adaptações fossem implementadas.

Dentro de um cenário utópico era realizável orçamentar tudo e chegar a valores impossíveis de serem levantados, mas qual seria, desse modo, a chance de ele se concretizar? Então, como a boneca do texto teatral de Almada Negreiros, foi preciso que esse trabalho fosse assim, “feito aos pouquinho”,

“Fui feita aos pouquinho. Ela não podia estar sempre a tratar de mim... era só àquelas horas, depois de estar tudo pronto... Quando não havia mais nada que fazer... então, é que chegava a minha vez!... Mas não era porque ela não me quisesse e muito, mas as outras coisas não podiam ficar por fazer... não achas? Era justo, eu estava depois das outras coisas... No fim de tudo, logo a seguir, era eu!... Mas quando chegava a minha vez, tu não imaginas, Boneco, a alegria que ela trazia nos olhos!!! Via-se perfeitamente que não tinha pensado noutra coisa!...” (Negreiros, 2017)

Desde 2020, mesmo durante a pandemia, a casa foi sendo construída com a participação de muitos braços e aqui se mostra para que todos possam entrar.

Cada voz ouvida, de alguma forma hoje constrói as paredes dessa morada.

A primeira necessidade apontada por mim e que não poderia ser atendida de imediato era a de precisarmos de uma sede fixa e isso foi contornado através de uma programação que pudesse transitar durante um período até que conseguíssemos um espaço. Assim transitei por Caldas da Rainha escrevendo este projeto, sentada em cafés, bares e espaços culturais. Dialoguei com artistas, produtores e agentes culturais, trouxe estas pessoas para dentro da casa. A partir deste obstáculo, os projetos inseridos na casa são apresentados em espaços já existentes.

Sobre este documento, embora toda a pesquisa feita justifique a iniciativa deste projeto e através da leitura destas páginas, seja possível entender como ele se propõe a existir e resistir em Caldas da Rainha, desde o início sempre houve em mim uma certa convicção sobre a importância dele. A busca e a investigação cimentaram esta base, para que não houvesse dúvidas para quem chegasse mais tarde. Esse projeto tem em suas motivações o combustível mais potente. Seja nas motivações da proponente ou na de cada parceiro acolhido no trajeto e aqui se apresenta como uma ferramenta de possibilidade para outros gestores e produtores interessados na construção de diálogos através da cultura.

Este capítulo recebe quem visita este documento apresentando a **fachada da Casa damãe Joana**, onde a sinopse, o conceito e o enquadramento se mostram.

No **Hall de entrada**, fazemos perceber o posicionamento dela no momento em que surge, os objetivos para os quais ela existe e as estratégias para alcançá-los.

Na segunda parte do documento, **Onde a festa acontece**, encontram-se a Sala **de visitas**, onde a programação acolhe cada amigo, o **Mural de fotos**, onde cada moradore residente mostra quem é na casa (organograma), a **Cozinha** que oferece produtos e serviços e logo em seguida, à **Porta do frigorífico**, encontram-se as **Datas de todos os compromissos** (calendarização) e as **Contas** (orçamento).

Na **Despensa** organizamos nossa realidade com a qual trabalhamos para preparar nossoexistir. Ali se encontra a análise SWOT do nosso trabalho, de onde retiramos material para trabalhar.

Pela mesma **Porta** onde se entra, é por onde saímos. Para que esta porta conduza a um “até logo”, ali se encontra nosso plano de comunicação.

3.1 FACHADA

Antes mesmo de entrar

Rua 15 de maio, 32, rés de chão. Uma residência particular. Este é o endereço de onde este projeto parte.

“Olá!

Sejam bem-vindos!

A casa é pequena, mas igual coração de mãe, sempre cabe mais um”

Esta casa foi desenhada para receber diferentes amigos e para que pudéssemos ter espaço para conviver em festa ou, em outros momentos, ficar só no cafezinho ou só descansar e aqui se encontram um pouco das nossas formas de pensar e agir.

Neste subcapítulo estão reunidos os conceitos basilares do projeto (Sinopse, breve justificativa, objetivos e orientações estratégicas). Estes buscam clarificar as linhas que o definem.

APRESENTAÇÃO

Sinopse

O nome **Casa da mãe Joana**, consegue acolher diversos significados, mas o termo para se referir a um lugar onde todo mundo pode entrar e mandar, uma espécie de grau zero de organização, também atribuído a lugar de balbúrdia e sem regras, aqui significa lugar em que diferentes podem dialogar, criar e partilhar.

Desagrupada a expressão, **Casa** aqui é abrigo de projetos, diálogos, difusão e criações culturais e tem como gestora a persona da **Mãe Joana**, que aglutina lugares de fala enquanto mulher, mãe, vegetariana, feminista, imigrante e artista. Através dela, a casa propõe a abertura para o diálogo e a transformação do pensamento e do olhar sobre novos mundos.

Dito isso, a **Casa da mãe Joana** é um projeto que reúne gestão, produção, residência artística e programação cultural. Nasce da necessidade de pontes entre micro-comunidades (estudantes e professores da ESAD.CR, moradores da cidade e imigrantes) inseridas em um mesmo território: Concelho de Caldas da Rainha. É um espaço para a coesão entre artistas, agentes, público e obras, focado no desenvolvimento de novas formas de pensar e agir coletivamente através da arte e da Cultura. Esta casa, que em uma primeira fase, não ocupa espaço físico, busca esta possibilidade em uma nova etapa no desenvolvimento do projeto, através de dispositivos de financiamento e participação coletiva.

Conceito: “Abrir a janela para outros mundos, ideias e experiências. Uma casa que te permite expressar livremente.”

No sentido de tornar este projeto sustentável, durante sua concepção, algumas propostas foram criadas no intuito de disponibilizar produtos e serviços que estejam alinhados com o desenvolvimento de práticas conscientes de consumo. Assim, primeiramente através de uma loja virtual e posteriormente no espaço físico que a casa ocupar, estaremos oportunizando aos artistas e criativos residentes a comercialização de seus trabalhos, bem como produtos criativos produzidos pela casa.

MORADA

Enquadramento

A Cultura forma e transforma tudo que somos e está presente de alguma forma em tudo que construímos, na forma como vivemos e consumimos. Pensar a Cultura de forma mais ampla e menos segmentada nos faz sermos mais fortes e nos faz percebermos o outro como um igual sem tirar dele suas singularidades, nos torna aliados em um projeto de vida mais sustentável e coletivo.

Hoje a cidade que sedia a Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria(ESAD.CR-CR), é também sede de diversos coletivos e singulares que criam, produzem, difundem e dialogam no campo das artes, da cultura e da criatividade.

No processo de encontrar meu próprio espaço de existência, enquanto imigrante fui percorrendo espaços culturais, cafés e eventos da cidade. Esta experiência me proporcionou criar algum vínculo com grupos diferentes de pessoas. Dentre estes

grupos, conseguia perceber uma forma de classificá-los enquanto interesses/realidades comuns em três comunidades. A relação e a não relação entre estas comunidades orientou meu olhar e minha pesquisa.

Optei pelas entrevistas e tive assim, a oportunidade de dialogar com algumas destas pessoas. Artistas independentes, coletivos, público, agentes culturais, alunos da ESAD.CR, imigrantes e expatriados. Entre relatos, percepções e reflexões, foi percebida uma necessidade latente de ainda mais espaços destinados à cultura, principalmente com um foco no diálogo entre estas comunidades, para o desenvolvimento de coesão, fruição cultural e o crescimento sustentável do setor.

Este projeto é pensado para aplicação em contato direto com estes coletivos, artistas independentes e “comunidades”, numa proposta de fazer "com o público" e não só "para o público". Esta participação e contato prévio com coletivos, artistas e públicos, durante a "gestação" do projeto foi importante para perceber como é possível "coexistir" e "colaborar" com estes grupos e qual a "cola" entre todos os envolvidos no processo para entender os rumos que o projeto pode tomar.

3.2 HALL DE ENTRADA

Uma acolhida

PARTICULARIDADES

Posicionamento

O cenário cultural de Caldas da Rainha não é uma realidade anémica quando falamos em produção cultural e este projeto, para fazer diferença num contexto no qual já existe um número muito grande de coletivos e artistas independentes precisa estar disposto a dialogar, cocriar e colaborar. Atento a este princípio este projeto nasce deste diálogo e da participação de muitas vozes, buscando sempre um retorno sustentável aos envolvidos.

Existe sim uma urgência em projetos como este no mundo. Não por serem altamente complexos, mas por se apresentarem abertos a novas propostas atentas a princípios transversais à cultura, como as questões sociais e políticas que dizem respeito ao desenvolvimento humano.

Como em muitos outros projetos, foi preciso considerar todas as ameaças e fraquezas que emergem do território como a precariedade na qual muitos artistas e agentes atuam

HORIZONTE

Objetivos

Objetivo matriz

Criar um espaço para criação, difusão, diálogo e produção cultural, com uma programação alinhada no sentido de promover coesão entre comunidades e estruturada para dar suporte a artistas e profissionais do setor, dando destaque para o que é produzido na perspetiva de promover o debate e o desenvolvimento do pensamento crítico social e artístico da comunidade.

Objetivos específicos:

- Difundir a produção artístico-cultural de artistas, técnicos, produtores, artesãos e demais profissionais do setor criativo, residentes ou não em Portugal;
- incentivar o debate e a troca de conhecimento entre os profissionais do setor e sobre necessidades e formas de viabilizar projetos bem como promover o acesso às políticas públicas para o setor criativo;
- utilizar a cultura como ferramenta de adaptação, coesão e desenvolvimento do indivíduo, venha ele de onde vier;
- ampliar a criação de redes entre atores culturais;
- promover um diálogo mais dinâmico com indivíduos e grupos criativos bem como com a comunidade artística do país, através de parcerias com instituições educacionais;
- desenvolver sentimento de pertença da comunidade de Caldas da Rainha nos processos artísticos e culturais desenvolvidos pela Casa da mãe Joana;
- promover o diálogo entre público e agentes culturais

OS PRINCÍPIOS E OS MEIOS

Orientações Estratégicas

Dos princípios

Enquanto orientação, faz-se necessário apontar neste projeto os princípios basilares que o sustentam e os meios e métodos através dos quais ele pretende existir. Para isso, aqui se apresenta a missão, a visão e os valores do mesmo, bem como algumas práticas através das quais o projeto pretende conquistar seus objetivos.

MISSÃO – A Missão da “Casa da Mãe Joana” é conectar pessoas, através de um espaço comum de convivência e uma programação voltada ao compartilhamento e diálogo cultural.

VISÃO – Visamos promover a construção de um diálogo entre a “Casa da Mãe Joana”, artistas e público, local e não local e, através disso, ser uma referência de troca, difusão e produção de arte e cultura de forma sustentável para todos os envolvidos no processo.

VALORES – Nada no universo existe por si, só. Somos e estamos conectados em uma espécie de rede interminável de relações. Tudo é interdependente. Acreditamos que a

percepção da importância das relações é o fundamento da grande revolução humana, através do respeito, da paz, da solidariedade e da vida em todas as suas manifestações.

A busca permanente do aperfeiçoamento é o que promove o desenvolvimento dos indivíduos, das organizações e da sociedade. O conhecimento é a única bagagem que não nos pesa nas costas, mas nos impulsiona a caminhar adiante. O compromisso com a verdade é o caminho para a qualidade das relações. Quanto maior a diversidade das partes, maior a riqueza e a vitalidade do todo.

O contato com as manifestações culturais deve ser livre de preconceitos e manipulações. A Casa da Mãe Joana, esta grande casa, organismo vivo e dinâmico, tem os seus valores alicerçados no compromisso com o respeito à diversidade e a preocupação com a construção de uma sociedade consciente da importância de um desenvolvimento sustentável.

E dos meios

Para atacar as **fraquezas** e criar mecanismos de prevenção e redução de danos, diante das **ameaças**, utilizamos como ferramentas as características apontadas como **força**, aproveitando também as **oportunidades** para intensificar a efetividade das ações.

A primeira situação a ser percebida como um obstáculo no projeto foi a falta de uma sede, pois o próprio nome sugere a existência de uma. Para contornar este impasse, optou-se por, aproveitando a capacidade multidisciplinar do mesmo criar ações, eventos e programações capazes de transitar entre outros espaços públicos ou privados, considerando também todos os parceiros que o projeto possui.

A falta de um valor de financiamento para iniciar o projeto é outro fator importante, que interfere totalmente na execução de qualquer projeto. Para reduzir o impacto deste fator na programação, foram acionadas as parcerias com outros coletivos, artistas e agentes e atentado para a execução de ações que não apresentavam custos para execução.

A precariedade do setor faz com que exista uma certa acomodação geral dentre as pessoas do setor, para isso, transformamos este em um dos eixos centrais dos encontros realizados com parceiros, inclusive com a proposição junto a entidades locais de uma Conferência de Cultura, na qual as necessidades sejam apontadas. Esta ação, planejada em parceria com o Caldas Late Night e o Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha para julho de 2023, deve apontar novas soluções para a cultura na cidade.

Todas estas parcerias, conexões e conjunções vem também resolver a falta de um portfólio inicial do projeto e enfrentar as despesas fiscais, pois delas surgiu a possibilidade de união com outros agentes culturais e a formação de uma organização associativa acionada para alguns projetos.

Então, entre as ações iniciais propostas para enfrentar fraquezas e ameaças, alinhados aos objetivos do projeto, estão:

- Programar, considerando agentes, artistas e coletivos já existentes em Caldas da Rainha;
- Intercalar na programação ações de exibição e apresentação de trabalhos concluídos, programas de intercâmbio e partilhas de experiências entre artistas e ações de mediação, debate e diálogo sobre os processos, para estimular a participação do público;
- Promover ações de acolhimento focadas em reunir diferentes públicos no sentido de criar espaço de diálogo entre eles;
- Coproduzir a Conferência de Cultura, bem como outros encontros para criar e ampliar redes entre atores culturais;
- Promover atividades junto a instituição educacional, buscando um diálogo com novos atores e espaços de formação para profissionais que querem novas formações;
- Aproximar público dos processos relativos à criação dos projetos para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

3.3 ONDE A FESTA ACONTECE

Gestão, Produção e Curadoria

Imagine um lugar... onde a criação, a difusão, o debate e a possibilidade de experimentar o contato com a arte sejam possíveis de forma orgânica, ou seja, fugindo um pouco da sistematização. Onde se possa estar próximo e até mesmo participar dos processos criativos de artistas e coletivos artísticos. Imagine que este lugar seja capaz de oferecer minimamente condições estruturais para acolher pequenos grupos para que estas trocas sejam efetivas.

Este projeto propõe a criação gradual de um movimento que culmina na abertura de um espaço cultural com características de abordagem inspiradas no lar, no abrigo e na casa. A ideia da “Casa da Mãe Joana” surge como uma possibilidade de diálogo e de convivência intercultural. Tem a preocupação em acolher pessoas de diferentes lugares e proporcionar (através de sua programação) um diálogo para crescimento mútuo, focado na sustentabilidade da cultura e do meio ambiente.

A pandemia que fez com que a população mundial se confinasse, roubou o abraço do nosso cotidiano e também fez com que (a partir de uma perspectiva pessoal) eu percebesse o valor das relações e principalmente das experiências de troca. O redesenhar das relações, tornando as reuniões online práticas constantes, é mais um sinal da importância que o contato social exerce em nossas vidas.

Mas como fazer isso neste momento em que nos reunimos? Partindo das relações mais próximas e das reuniões de pequenas proporções, capazes de oferecer lugar e tempo para trocas a partir do diálogo, convidamos ao convívio e ao olhar nos olhos e ao sentir. O contato cultural como experiência íntima. Na dimensão familiar do encontro.

Todas as propostas a partir deste ponto do projeto se divide em dois tempos:

Etapa itinerante e etapa com sede fixa.

SALA DE VISITA

Programação

A programação da casa busca efetivar o potencial do projeto em se apresentar enquanto dispositivo espacial através do qual, a origem de quem o propõe (de imigrante latino-americana) se transmuta em porvir.

Abraça questões sociais transversais e processos de criação de vanguarda, iniciados em barracões e quartos de estudantes. Questiona e propõe debate e enfrentamento, mas também escuta e acolhe. Se apresenta com cor, mas não nega o fundo cinzento e nebuloso sobre o qual se espalha.

A principal característica é que a programação seja realizada no sentido de oferecer possibilidade de:

- Apresentação para apreciação.
- Desenvolvimento Artístico e cultural

Apresentação

Neste segmento se encontram as apresentações de resultados, criações e processos, dentro das diversas linguagens da arte e da cultura. Aqui se enquadram espetáculos, concertos, mostras, exposições, exposições e apresentações artísticas em geral.

Desenvolvimento Artístico e cultural

Aqui se encontram os projetos que visam fruição, formação e debate como oficinas, workshops, rodas de conversa, palestras, mediações e cursos.

Dito isso, propomos, em um primeiro momento, a seguinte programação:

Rodas de conversa

Desta programação, nascem todas as outras propostas da Casa da mãe Joana: As "Rodas de conversa", inspiradas nos encontros realizados nas "casas do interior" do Brasil, de quinze em quinze dias, na programação cultural da casa, são realizadas "Rodas de conversa", abastecidas com pipoca e café, chá ou "chimarrão" sobre temas atuais voltados a cultura e a sociedade.

Uma das melhores formas de perceber o universo de uma comunidade é adentrar suas vilas, grupos, atividades... vestir seus aventais e aprender o feitiço do alimento em suas

mesas e nas rodas de conversa. Em Portugal (mais especificamente, em Caldas da Rainha, por experiência própria) esse fenômeno antropológico se manifesta com copos de vinho e bocados de pão nas mesas ou em rodas que se formam do lado de uma máquina de expresso após a refeição e podem trazer grandes pérolas da cultura local. Mostrar quem somos e perceber que à medida que nos mostramos, se revelam e nos mostram quem são e partilham seus universos particulares.

Contações de histórias

A cultura oral, que atravessou gerações e se propõe a partilhar conceitos e princípios culturais de povos diversos, se moveu das rodas ao redor de fogueiras, dos quartos dos miúdos e chegou às salas de espetáculo. Hoje, em diversos espaços culturais, virou uma possibilidade de alcançar o público, tomando pra si o lugar do “espetacular”, os cenários, figurinos e acessórios cênicos.

A Casa da mãe Joana escolheu esta como uma das primeiras programações voltadas a diferentes públicos.

Dentro deste formato, apresenta os eventos “**Eram todas as Vezes**” com contos diversos de temas variados e “**A voz e o sabor da Minha Terra**”, onde contadores de história contam uma história enquanto preparam uma refeição que faz parte de sua origem e da construção de sua identidade pessoal.

Concertos de música autoral

Com o objetivo de participar e colaborar com os processos de difusão dos projetos musicais, a Casa produz artistas locais e organiza as propostas de artistas para casas de espetáculos e espaços culturais.

Encontros entre artistas de um mesmo segmento

Com o objetivo de criar conexão entre profissionais para novos trabalhos, a casa realiza encontros com o propósito de acolher novos projetos e auxiliar na produção de novas iniciativas.

Exposições de Arte

Com o intuito de criar um espaço para artistas visuais locais e de outros lugares do mundo e demonstrando a importância de debates contemporâneos sobre a arte e sobre os processos criativos atuais, propusemos as exposições como possibilidade de encontro

entre artista e público. Cada exposição propõe alguma atividade de aproximação e interação entre estes dois lados da experiência. Seja através de um debate ou de uma oficina.

Eventos: Durante as programações de 5a, 6a e sábado, que propõe concertos e montagens de pequeno porte, propomos duas realidades de eventos: uma para público restrito e a outra é a transmissão da programação virtualmente.

Espetáculos de teatro e oficina voltada para crianças, jovens e adultos

A proposta aqui caminha tanto no sentido da apreciação como no sentido de inspirar a formação de novos grupos de criação teatral na cidade de Caldas da Rainha, pois acreditamos na experimentação como caminho para a apreciação e para a construção de um desenvolvimento estético e pensamento crítico.

Espaço de atelier aberto - essa brasileira

Uma montra onde o espectador pode assistir os processos do trabalho, os estudos e o desenvolvimento da ilustração de uma artista em princípio de trajetória e participar com suas percepções através de uma “Caixa de sugestões”. A proposta é receber de tempos em tempos diferentes artistas, mas como “projeto piloto”, o espaço recebe o trabalho e os materiais da artista “essa brasileira”.

Fase Itinerante

No repertório (forma como definimos a programação nesta fase do processo) a Casa oferece a seguinte programação:



Casa da Mãe Joana REPERTÓRIO



ERAM TODAS AS VEZES

Projeto de contação de histórias

CONCERTO EM MIM

Concerto de música autoral - Artista residente

CONFERÊNCIA DE CULTURA

Parceria CLN e Centro Cultural e Congressos

O CORPO E O RITMO NO TEATRO

Workshop Teatro

OFICINAS DE TEATRO

Aulas de teatro para diferentes idades

EXPOSIÇÕES

Exposição de Artes visuais

QUINTANE-SE

Projeto com poesias de Mário Quintana

EXPERIMENTAÇÃO COM MATERIAIS PICTÓRICOS

Oficina para crianças

@casadamaejoana_oficial

Figura 8. Catálogo com projetos da Casa da Mãe Joana - 2023

Participação em outras iniciativas:

Programação Papagaio Amarelo

Talk Show - Toca da Onça e Grave Coletivo

Conferência de Cultura - Caldas Late Night - CCC.CR

Atelier Arte e Expressão - MAGA

COZINHA

Serviços e Produtos

Etapa itinerante

Nesta etapa os produtos vendidos são exclusivamente materiais dos artistas relacionados com cada evento. Por exemplo, prints e originais de exposições, álbuns dos músicos ou afins.

Etapa com sede fixa

- Cafuné

O que é um cafuné?

Um carinho, festinhas na cabeça.

Nesta fase o espaço conta com um café para confraternizarmos.

Características do espaço:

- Vegan food;
- Espaço pet friendly
- Café de especialidade com marca própria
- Biblioteca colaborativa com empréstimo de livros

Contando com acervo próprio e com a colaboração de outras pessoas, disponibilizamos o empréstimo de livros a usuários cadastrados como sócios colaborativos na casa.

- Bazar

Obras de arte e produtos promocionais criados e produzidos em parceria com artistas e criativos locais.

- WiFi e mesas com saídas de energia, para que os frequentadores utilizem para trabalhar ou para utilização de redes sociais.

MURAL DE FOTOS

Organograma



Figura 9. Organograma - Casa da Mãe Joana - Sede Fixa

Onde cada morador mostra quem é na casa, aqui se encontra a definição da Equipe fixa do Projeto, de quem sou e quem somos.

Deisi Corrêa – Gestão Cultural - Curadoria, programação e produção

Atriz, produtora, arte educadora, ilustradora e muralista, graduada desde 2008 em Licenciatura em Artes Visuais pela UnC – Universidade do Contestado, fundou e colaborou como gestora, produtora, atriz e arte educadora na Cia Nós em Cena entre 2007 e 2014, ano este último o que passou a integrar o quadro de colaboradores do Sesc – SC, como técnica de cultura, responsável pela produção e programação local das cidades de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre no estado de Santa Catarina. Atualmente é aluna do Mestrado em Gestão Cultural na Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR). Integrou o Coletivo Criativo LUGARdePRODUÇÃO e participa atualmente, como parceira de projetos como o “Coletivo Cultural Papagaio amarelo”, na produção do “Caldas Late Night” e do “Talk Show”, projeto realizado em conjunto com Grave Coletivo, Cine clube e Toca da Onça – Bistrô.

Bianca Dorini – Gestão Administrativa

Atriz e arte-educadora formada desde 2016 em Licenciatura em Arte-Teatro na UNESP/São Paulo, durante pouco mais de quatro anos foi produtora cultural da Cia. Oito Nova Dança, também atuando como gestora do Estúdio Oito Nova Dança. Em 2017 ingressou na 5ª turma do Curso SESC de Gestão Cultural. Em 2019 tornou-se parceira da BeeL Films, produtora audiovisual, na qual esporadicamente prestou serviços como assistente de produção. Atualmente, é aluna do Mestrado em Gestão Cultural na Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR). De março a junho de 2020 foi voluntária na área da produção cultural na Matéria Cíclica, auxiliando na prospecção de sponsorship e parceiros e desde julho de 2020, em caráter de estágio em gestão cultural, faz a assessoria de direção do projeto SILOS Contentor Criativo, no qual é responsável pela faturação, assistência em eventos e comunicação digital (criação e manutenção do website). Atualmente, realiza gestão e produção cultural para “A Bolha -Teatro com Marionetas” e integra com o “Coletivo Cultural Papagaio Amarelo”.

Fábio Beckert – Gestão de comunicação

Ilustrador e arte-educador formado em Licenciatura em Artes visuais pela na UnC- Universidade do Contestado, cofundador da Cia teatral Nós em Cena, onde atuou como gestor, diretor artístico, encenador e ator entre 2008 e 2018 e entusiasta na produção e criação em banda desenhada e na narrativa gráfica, trabalhando em algumas revistas online e projetos artísticos pessoais. Trabalhou como ilustrador, para o jornal diário “A Gazeta”, de São Bento do Sul, criando charges e tiras rápidas durante os anos de 2012 e 2014. Coordenou as estratégias de comunicação da Cia teatral nós em Cena entre 2008 e 2014, bem como produziu todo o material gráfico da “1ª Mostra Nossa de Teatro” em 2011. Atualmente, realiza projetos de arte digital para empresas do setor na Dinamarca, em Israel e no Brasil.

DESCRIÇÃO DE FUNÇÕES

Gestão Cultural – Artístico e de produção – 1ª fase do projeto

Curadoria, programação e produção

Responsável por assinar e assumir representação oficial da Casa da Mãe Joana; durante a ideação do projeto, o papel do gestor é de estudo do território. Cabe a ele o mapeamento dos equipamentos disponíveis para a produção cultural, a organização de um sistema de indicadores e agentes culturais acionáveis para realização de cada ação ou programação, a comunicação e mediação entre estes atores, produtores e agentes junto aos órgãos de função pública e ao público; a realização dos estudos referentes ao orçamento, levantando as despesas e receitas que o projeto abrange. Também ficaresponsável pela escolha da formação institucional e formato administrativo e legal do mesmo (associação, empresa ou coletivo informal), mediante a participação ou não de outros agentes na base da organização, bem como a reunião de todos os documentos e exigências legais para implementá-lo e a organização conjunta ou não, da curadoria parao primeiro ano de atuação do projeto.

Conselho Geral

Formado pelos três membros da Gestão (Gestão Administrativa, Gestão Artística e de Produção e Gestão de Comunicação), o conselho exerce um poder de aconselhamento e define as demandas, urgências e objetivos para determinado período de tempo. Funciona como uma baliza, regendo os caminhos por onde o projeto deve passar em um determinado período.

Gestão Cultural – Artístico e de produção – 2ª fase do projeto

Curadoria, programação e produção

Responsável pela organização e gestão dos projetos, pela curadoria, bem como da mediação entre os agentes envolvidos e o público, sempre em busca de uma prática que resulte na formação de público. Este profissional tem a função de gerir recursos humanos e pela relação entre a “Casa” e artistas, equipamentos parceiros e demais colaboradores residentes. Também está a cargo deste, a função de organizar e gerir toda a produção técnica dos eventos e serviços e:

Outras funções:

- Definição e contratação dos artistas para os concertos;
- Elaboração da agenda;
- Definição da estrutura técnica necessária para os shows;
- Supervisão dos serviços de apoio aos concertos e aos artistas;
- Coordenação da logística dos artistas;
- Supervisão dos transportes, viagens e estadias dos participantes;
- Planeamento e coordenação da logística dos artistas;
- Briefing e acompanhamento da gravação dos vídeos com Coordenador de Comunicação;
- Devolução das peças e obras dos artistas;
- Briefing e acompanhamentos das filmagens e coberturas fotográficas.
- Apuramento das necessidades específicas de todos os espaços;
- Desenho, implementação e acompanhamento do plano de produção;
- Preparação com coordenador executivo do calendário de implementação detalhado;
- Coordenação dos organogramas e respetivas job descriptions das equipas de produção, técnicas e de voluntários;

- Aprovação de despesas e compras dentro dos limites definidos pelo coordenador executivo;
- Seleção das respetivas equipas de produção e técnicas;
- Seleção e contratação dos serviços de montagem, catering, segurança e manutenção;
- Formação das equipas de produção e dos voluntários;
- Implementação e acompanhamento dos planos de produção;
- Orientação e acompanhamento das equipas para a correta execução das despesas orçamentadas;
- Orientação e acompanhamento das equipas para a correta a execução dos cronogramas;
- Coordenação da montagem da bilheteria;
- Controlo das montagens e desmontagens de todos os eventos;
- Acompanhamento e revisão dos projetos de execução e design, bem como dos processos de produção e obras.

Gestão Cultural – Administração – 2ª fase do projeto

Financiamentos e orçamentos

Responsável por todos os recursos financeiros e materiais relativos à Casa da mãe Joana e a captação de recursos para realização dos projetos. Realiza a coordenação e o planeamento, em conjunto com a Coordenação Artística, de todos os projetos submetidos a candidaturas e propostas de patrocínio.

Outras funções:

- Participação em reuniões de apresentação do projeto e busca de parcerias;
- Contatos com autoridades e auxílio ao representante oficial da casa;
- Planeamento e supervisão dos orçamentos;
- Aprovação de despesas e compras;
- Supervisão dos acordos com fornecedores e parceiros;
- Análise e desenho dos contratos;
- Desenho do plano de Fundraising e apoio nas angariações;
- Supervisão das candidaturas a fundos;
- Participação no desenho e adaptação da estrutura da equipa e respetivas job descriptions;

- Acompanhamento da produção;
- Elaboração do orçamento geral;
- Definição dos limites orçamentários;
- Acompanhamento e supervisão dos orçamentos e despesas;
- Realização dos acordos com fornecedores e parceiros;
- Acompanhamento e revisão dos projetos de execução.
- Orçamentação detalhada e específica dos projetos;
- Negociação de orçamentos e condições de contratos com fornecedores;
- Seleção e controlo dos fornecimentos e serviços;
- Orientação e acompanhamento das equipas para a correta execução das despesas orçamentadas;
- Mediação entre equipas técnicas e de produção, fornecedores e coprodutores.

Gestão Cultural – Comunicação – 2ª fase do projeto

Estratégias de comunicação

Responsável pelo desenvolvimento das estratégias de comunicação, apresentando propostas com preocupação de fidelidade e coerência com a identidade da Casa da mãe Joana, revelando os variados tons de cada projeto, serviço ou evento para o grande público, parceiros e possíveis investidores ou financiadores. Também é responsável pela supervisão da recolha e organização dos materiais de arquivo e clípagem.

Outras funções:

- Planeamento detalhado e supervisão da comunicação de todas as atividades realizadas pela casa, com a participação dela e/ou em coprodução com ela;
- controle de tarefas específicas da comunicação, nomeadamente da execução e desenvolvimento dos materiais, em concordância com os orçamentos previstos pela Gestão Administrativa;
- realização dos gráficos e plano de meios;
- desenho do calendário específico de comunicação;
- execução do cronograma e orçamento de comunicação;
- contato e convite com jornalistas e médias para cobertura dos eventos e serviços;
- receção e acompanhamentos em eventuais entrevistas e visitas.
- coordenação da agenda de entrevistas dos artistas e participantes durante eventos;

- organização de clipping;
- criação e gestão de um protocolo institucional;
- aprovação de todas as peças de comunicação;
- acompanhamento da edição de conteúdos e textos
- para a comunicação
- acompanhamento da gestão da produção dos
- materiais digitais e gráficos;
- apoio para a busca de patrocínios e apoios para publicidade;
- apoio à elaboração de dossiês para imprensa, parceiros e patrocinadores;
- aprovação de despesas e compras dentro dos limites definidos pela Gestão administrativa e pelo Conselho Geral;
- produção de vídeos para o evento;
- acompanhamento da realização do plano de media para garantir a divulgação dos eventos e reforçar contatos com os parceiros e patrocinadores se necessário.

Instrutor Teatro

Pesquisa e utiliza métodos de interpretação, estimula a criatividade e o autoconhecimento, prepara material didático para aulas, desenvolve atividades em palco sala de ensaios, segue orientação e conteúdo previamente distribuídos, aplica testes e esclarece dúvidas.

Outras funções:

- Seleção dos métodos e técnicas adequadas ao ensino de teatro;
- ensino das teorias e práticas relativas ao teatro e as artes cênicas;
- utilização de técnicas, recursos e instrumentos para exteriorizar a expressão teatral e artística;
- proceder à avaliação continuada de conhecimentos fundamentais do teatro;
- preparo do material didático.
- participação em programas de treinamento, quando convocado.
- realização da apresentação final, aberta ao público, do resultado dos processos, em concordância com a Gestão Artística e de Produção.

Técnico de Produção

Apoio geral à Gestão, auxiliando na execução prática de todas as atividades e produções.

- Coordenação de toda a logística de equipamentos e materiais para montagens;
- acompanhamento de todo o processo de montagem dos espaços, no sentido de garantir a execução de tudo dentro dos prazos estipulados e com a qualidade necessária;
- garantia e acompanhamento da instalação do espaço de Catering;
- acompanhamento de todo processo de montagem, o funcionamento e desmontagem da estrutura geral.
- verificação do rider técnico contratado de acordo com a lista apresentada para a gestão.
- apoio aos artistas;
- acompanhamento dos artistas durante passagem de som e shows;
- controle das montagens, desmontagens e transportes dos equipamentos dos artistas;

ETAPA COM SEDE FIXA

Após encontrarmos uma sede fixa, novos colaboradores de tornam necessários para a implementação do mesmo

Serviços Gerais

Responsável pela limpeza e comunicação de necessidades de manutenção para a Coordenação Administrativa.

Colaboradores Café

Para o funcionamento do Café Cafuné, prevemos a contratação de dois colaboradores:

Colaborador 1 - Chef de cozinha

- Assegurar que o cardápio está de acordo com os princípios de sustentabilidade e não-violência contra animais, basilares para a Casa da mãe Joana;
- Organização, coordenação e verificação dos trabalhos da cozinha;

- Contribuição para a elaboração do plano de ementas e listas de compras, com a antecedência limitada pela gestão administrativa;
- Confeção dos pratos, tipos de guarnição e quantidades a servir;
- Criação de receitas e preparo de especialidades;
- Certificação da qualidade dos pratos e da sua concordância com o estabelecimento;
- Supervisão da saída dos pratos preparados, assegurando que eles correspondem aos pedidos;
- Controle da quantidade e qualidade das mercadorias entregues pelos fornecedores, e/ou quando necessário efetuará as compras de acordo com o orçamento disponível;
- Controla a quantidade e qualidade das mercadorias entregues na cozinha, provenientes de outras secções, certificando-se de que correspondem às requisitadas.
- Asseguramento do cumprimento das normas de higiene e segurança alimentar.
- Execução dos cálculos de custo (direto ou indiretos) rápida e eficientemente, tendo em conta o valor das captações.
- Elaboração de mapas, inventários e relatórios do seu departamento, e administra o orçamento atribuído ao mesmo;
- Colaboração na aquisição de equipamento e utensílios, assim como na sua implantação e manutenção.
- Manutenção da ordem e a disciplina no trabalho, assim como as boas relações entre o pessoal da cozinha e dos outros departamentos.

Colaborador 2 - Empregado de mesa

Funções:

- Preparar o serviço de mesa;
- Apoiar o serviço de cozinha;
- Articular o serviço de sala com os trabalhos a decorrer na cozinha;
- Manter a limpeza e arrumação do local de trabalho;
- Assegurar a conservação dos equipamentos usados;
- Organizar a cozinha e todos os seus utensílios, bem como a sua higienização.
- Registrar e efetuar pedidos dos clientes;

DESPENSA

Análise SWOT

Na **Despensa** organizamos nossa realidade com a qual trabalhamos para preparar nosso existir. Ali se encontra a análise swot do nosso trabalho, de onde retiramos material para trabalhar.

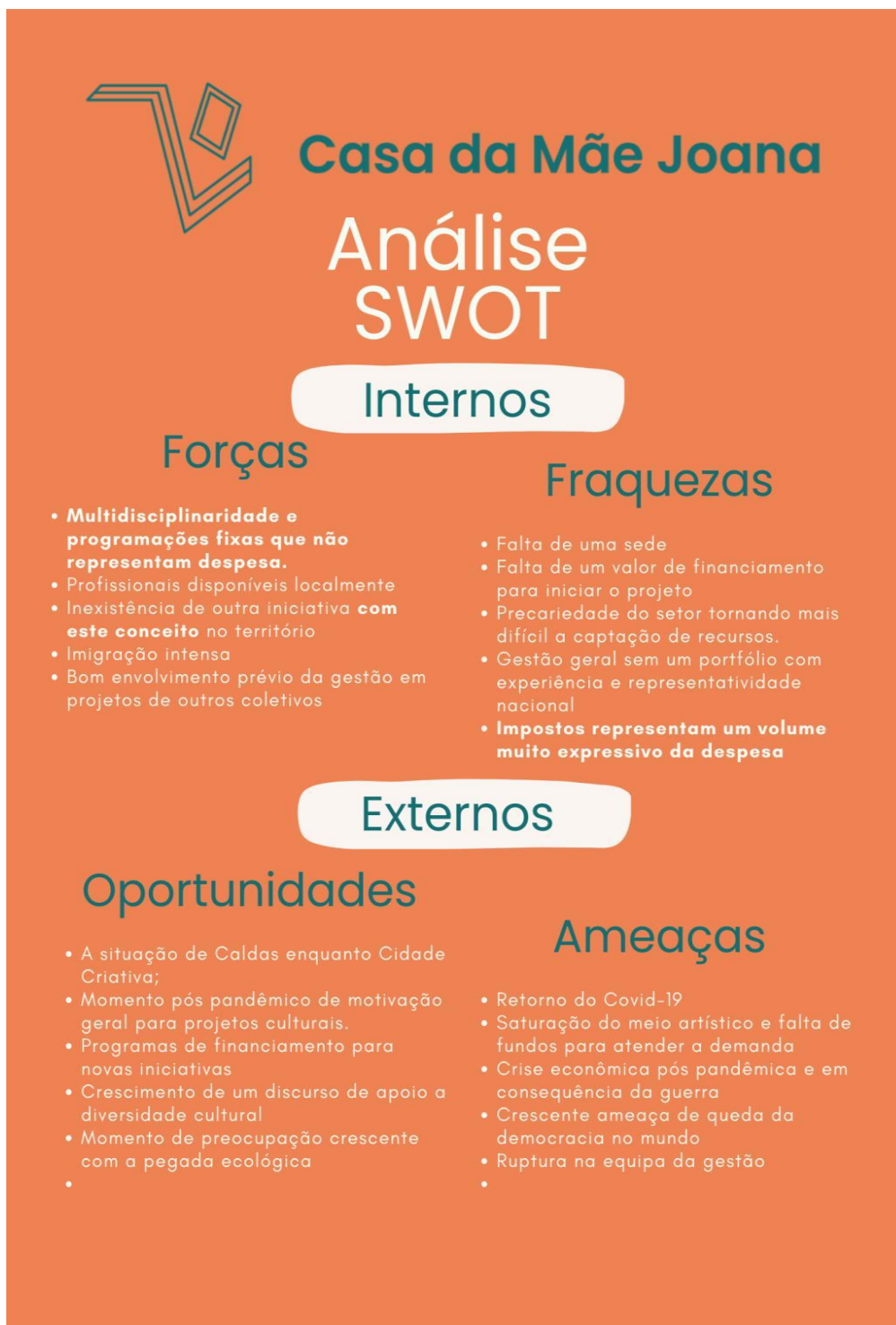


Figura 10. Análise SWOT - Casa da Mãe Joana - Sede Fixa

Internas

Strengths - Forças

- 1. Multidisciplinaridade e programações fixas que não representam despesa.**
2. Profissionais disponíveis localmente
3. Inexistência de outra iniciativa **com este conceito** no território
4. Imigração intensa
5. Bom envolvimento prévio da gestão em projetos de outros coletivos

Weaknesses - Fraquezas

1. Falta de uma sede
2. Falta de um valor de financiamento para iniciar o projeto
3. Precariedade do setor tornando mais difícil a captação de recursos.
4. Gestão geral sem um portfólio com experiência e representatividade nacional
- 5. Impostos representam um volume muito expressivo da despesa**

Externas

Opportunities - Oportunidades

- 1. A situação de Caldas enquanto Cidade Criativa;**
2. Momento pós pandêmico de motivação geral para projetos culturais.
3. Programas de financiamento para novas iniciativas
4. Crescimento de um discurso de apoio a diversidade cultural
5. Momento de preocupação crescente com a pegada ecológica

Threats - Ameaças

1. Retorno do Covid-19
2. Saturação do meio artístico e falta de fundos para atender a demanda
3. Crise econômica pós pandêmica e em consequência da guerra
4. Crescente ameaça de queda da democracia no mundo
- 5. Rutura na equipa da gestão**

PORTA DO FRIGORÍFICO

Cronograma e Orçamento

Para quem percorre este documento e busca algo para alimentar sua curiosidade, neste ponto, encontram-se as datas dos compromissos e as receitas e despesas da casa. Pontos importantes na dinâmica deste espaço e que precisam ser levados em consideração por todos os moradores.

CRONOGRAMA

Datas e Compromissos

Objetivando a ativação lenta e gradativa, o cronograma de execução do projeto conta com etapas distintas de atividades que se estendem entre os anos de 2022 e 2027 (anexo 2), quando o projeto passa por uma avaliação final.

A **Fase inicial** (entre janeiro de 2022 e agosto de 2023) é dedicada à elaboração do projeto, a programação e calendarização dos eventos itinerantes, a estipulação de um orçamento inicial e definição de quadro de parceiros. Também neste período é determinado o formato de organização formal do projeto (Empresa, Associação ou cooperativa), inicia a execução da programação Itinerante e ao final desta etapa, assim como das etapas seguintes, é realizada uma avaliação dos resultados.

Na **Fase intermediária**, (entre junho de 2023 e abril de 2024) realizamos a busca por espaços para sede fixa, estabelecer orçamento para primeiro ano de Casa, em junho programamos e calendarizamos a programação de 2024, executamos a programação itinerante, realizamos processos legais de formalização da Casa e a captação de recursos iniciais.

No **Período com sede fixa** (entre 2024 e 2027), remodelação de espaço, realizamos a abertura da casa, executamos a programação e gerimos os serviços prestados, Fazemos a captação de recursos, Sempre em junho estabelecemos o orçamento do ano seguinte e encerramos o ano vigente com a apresentação de resultados de projetos em andamento.



Figura 11. Linha do tempo - Diagrama - Casa da Mãe Joana

ORÇAMENTO

As Contas

A Casa nasce em um universo onde, na prática, a produção da arte é realizada, não obstante a precariedade, através de parcerias e cedências de cachês, espaços e equipamentos. Mas o objetivo da casa é também enfrentar esse problema, sendo assim, impossível não olhar para o orçamento com preocupação redobrada.

Para iniciar o projeto, utilizamos desta mesma prática, pois não havia outra forma de torná-lo real, dada a falta de recursos iniciais, mas sendo um dos objetivos da casa “dar suporte a artistas e profissionais do setor” e “utilizar a cultura como ferramenta de adaptação, coesão e desenvolvimento do indivíduo” buscamos a sustentabilidade dos projetos a médio prazo e a criação de uma reserva orçamentária a longo prazo.

Então, a princípio, todas as atividades são criadas com este impedimento orçamentário, buscando amadurecimento do projeto e criação de portfólio para captação de recursos.

Nesta fase inicial, entretanto, a Casa já conta com parcerias de espaços, parte do cachê de alguns artistas, um artista residente e assim uma programação fixa base que busca manter a frequência necessária no sentido de não perdermos o contato com a comunidade.

Para tanto, criamos um catálogo com os projetos que estão disponíveis para a realização que podem ser executados sem despesas de pré produção e a receita recolhida é partilhada da seguinte forma:



Figura 12. Partilhas - Casa da Mãe Joana - Fase inicial

Na segunda etapa, com sede fixa, a proposta se estende a arrendamento de espaço, maiores contratações (inclusive contratos estendidos por um período anual), licenças e aquisições de equipamentos.

PORTA POR ONDE SE ENTRA SAI E RETORNA

Plano de Comunicação

Este é o ponto crucial estratégico para qualquer projeto. É o responsável pelo nosso contato com o mundo fora da “Casa da mãe Joana” e é peça fundamental para projetar os objetivos a alcançar, os caminhos até o cumprimento destes objetivos, o público que pretendemos alcançar e para quem projetamos nossa programação, a calendarização e o orçamento necessário. Também aqui se pensa a avaliação de todo este processo periodicamente para um possível realinhamento das estratégias, se necessário.

Considerando nosso posicionamento, objetivos e a consciência de “para quem” existimos, aqui se encontram os canais de media utilizados pela casa, bem como o cronograma base para qualquer programação base e as estratégias que pretendemos recorrer nestes processos.

“Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto”

Mistério do Planeta, Novos Baianos

Nosso conceito fica registado em todo material que sai pela nossa porta e assim deixamos um pouco de nós, mas na recolha de feedbacks, “recebemos um tanto”.

A Identidade



Imagem 13. Logo - Casa da mãe Joana

Poppins Poppins

Imagem 14. Tipografia (Poppins) Casa da mãe Joana

Sobre a Tipografia:

Letra geométrica, associada a espetáculos. Uma fonte menos formal, de fácil leitura, sem serifa e assim como o latim, se baseia na geometria pura, principalmente nos círculos. Traz mais leveza para a marca sem prejudicar a leitura.

Conceito:

Abrir a janela para outros mundos, ideias e experiências
Uma casa que te permite expressar-se livremente.



Casa da Mãe Joana

Cultura - Arte - Diálogo

Imagem 15. Logo (assinatura para materiais gráficos) Casa da mãe Joana



Imagem 16. Logo (materiais com as cores da identidade visual) - Casa da mãe Joana

Acreditamos que uma boa comunicação se faz com o público e não para ele.

Pensando nisso, criamos um guia para a realização do material de comunicação nas redes digitais e para a comunicação externa, através de mídias tradicionais e participação em eventos. Ao final de cada processo, inicia a comunicação do próximo evento com a recolha de contatos para o envio de newsletter.

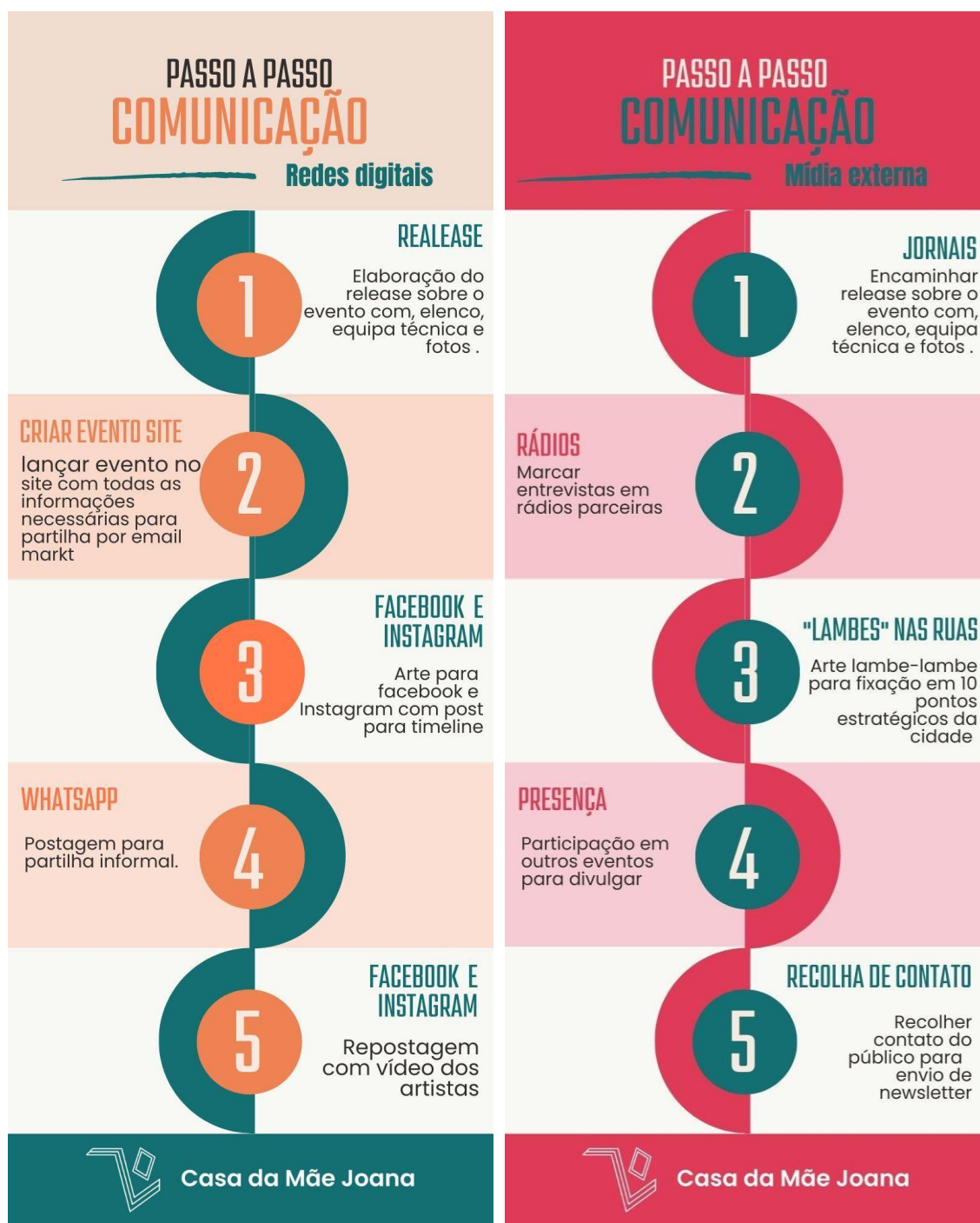


Imagem 17. Passo a passo - Comunicação e Divulgação - Casa da mãe Joana

Públicos-alvo

A Casa tem como público-alvo, agentes e atores do setor artístico e cultural, bem como pessoas sem ligação com este universo, interessadas em apreciação artística e experimentação. Nestes dois segmentos é uma casa focada em formação de público, mas também no desenvolvimento de projetos dos trabalhadores da cultura. Apresenta programação diversificada, por vezes focada em um público jovem e adulto e em outros momentos no público infantil ou para toda a família.

Embora a casa esteja aberta ao público em geral e ter como característica principal a diversidade, observamos que o público-alvo da programação é de crianças entre 4 e 9 (Programações específicas para este público esporadicamente), entre 9 e 14 anos (público das oficinas), adolescentes e jovens adultos (demais programações).

A "Casa da Mãe Joana" investe numa estratégia de comunicação diversificada, pois oferece serviços variados e voltados para públicos também diversos:

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos

Para antes ainda da inauguração, vislumbram-se ações que aproximem o público da ideia da Casa.

4. CONCLUSÃO

Sobre as últimas percepções acerca da pesquisa

Pensar em conclusão de um projeto que na prática se encontra em qualquer ponto entre o início e o fim de seu desenvolvimento, posto que é criado partindo de uma necessidade no agora, porém um agora, que a medida que se desenvolve, se estende e encurta de acordo com variados fatores, me pareceu muito com o problema inicial que enfrentei, na busca por quantificar dados e assim criar um mapa estático do terreno onde pretendia estabelecer esta pesquisa/projeto. Seriam e foram necessárias diferentes ferramentas para alcançar diferentes profundidades e entender as características inerentes ao solo estudado. Concluindo este texto que fecha um ciclo importante da Casa da Mãe Joana, tenho total consciência da importância de cada pausa para respirar, cada tropeço que me fez parar e me recuperar, bem como dos tropeços que me adiantaram alguns passos à frente e me colocaram de frente com soluções e oportunidades.

Vale lembrar que as parcerias estabelecidas são a base para que a casa consiga resistir a falta de investimento e a grande demanda de projetos no município e que todo o processo de construção deste projeto é um exercício “antropofágico” (Andrade, 1976), onde as visões, ideias e formas de fazer dos colaboradores e conselheiros foram mastigadas, processadas e regurgitadas como proposta. A escrita contou com conversas, partilhas e ações colaborativas e, muitas vezes, parte das ações eram partilhadas com pessoas de diferentes grupos e as impressões e feedbacks foram considerados na projeção ou não da ideia.

Um exemplo foram as entrevistas feitas para o entendimento do território que serviram de base para o desenvolvimento da programação do “Talk Show”, realizado em parceria com a Toca da Onça, o Coletivo Grave e o coletivo Cine Clube. Este evento estava intimamente ligado à ideia das “Rodas de conversa” que brotaram já na primeira proposta da casa. Nesta proposta, aproveitamos o momento de descontração e da partilha da pipoca e chá para levantarmos temas importantes para a construção de um diálogo mais aberto e o desenvolvimento de novas construções críticas.

Os trabalhos realizados junto ao coletivo informal Papagaio Amarelo, na comunidade da Cumeira, Junta de Freguesia de Santa Catarina, pertencente também do conselho de

Caldas da Rainha foram cruciais para ampliar o entendimento das necessidades a nível cultural e artístico daquela micro-comunidade e a partir daí criar uma ponte na programação que ligue o fazer artístico e a comunidade do Centro da cidade de Caldas da Rainha ao espaço da Associação da Cumeira, seus frequentadores e os integrantes do Coletivo Papagaio Amarelo que naquele espaço reside.

Com absoluta consciência do quão pessoal e informal este texto soa, é importante registrar que a Casa da Mãe Joana nasce deste contato inicial de experiência íntima, na dimensão do encontro quase familiar, abrindo suas portas para o convívio, buscando a coesão com este novo universo através da fruição, difusão, apreciação e criação na arte da cultura. Surge como um dispositivo pessoal de adaptação que se converte em interface de coesão no porvir. A realidade local de Caldas da Rainha enquanto complexo e fértil terreno de criação e produção artística se converte em um território onde o fazer a gestão cultural exige diferentes métodos, estratégias e ferramentas na mediação entre o público e as pessoas que produzem e atuam no setor. Então, neste contexto, a Casa da Mãe Joana é mais um “endereço” (ainda não físico, mas conceitual) no qual a arte e a cultura se instalam, residem, operam e desenvolvem-se.

A Casa da Mãe Joana foi lançada, no mês de fevereiro de 2023, através de uma programação que contou com uma Exposição de Ilustrações da “essa brasileira”, no espaço “Malaica Organic Brewery”, por um período de um mês, duas apresentações do “Concerto em Mim” do músico residente Fábio Beckert, sendo uma na “Toca da Onça Bistrô”, em Caldas da Rainha e outra no “Espaço Compasso” na cidade do Porto. No mês de março, produziu a Exposição da “essa brasileira” na Biblioteca Municipal do Cadaval. Estes eventos trouxeram para a casa novos artistas parceiros e novas propostas de projetos.

Esta etapa de pesquisa para projetar a “Casa” se encerra no momento em que buscamos um endereço para ela. Daqui em diante novos desafios devem surgir, mas o percurso até aqui me deu a confiança e os parceiros que eu precisava para acreditar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alberti, V. (2013, Novembro). *Análise de entrevistas: reflexões em torno de um exemplo*. In II Congresso Pan-Amazônico VIII Encontro Regional Norte de História Oral, Rio Branco, AC: FGV SB

Alberti, V. (2003). Narrativas na história oral. In: *XXII Simpósio Nacional de História* (Anais eletrônicos). João Pessoa, PB: ANPUH-PB.

Andrade, O. (1976). O manifesto antropófago. In: *TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas* (3ª ed). Brasília: Vozes.

Avelar, R. (2010). *O Avesso da Cena*. (2ª ed). Belo Horizonte: Duo Editorial

Barros, J. M. (2008). Mercado de trabalho em mutação: gestão cultural e formação profissional. In: *1º Seminário Internacional de Gestão Cultural* (1ª ed. pp. 107-113). Belo Horizonte: Duo Informação e Cultura

Beauvoir, S. (1996) *Cartas para Sartre*. Lúmen

Bordieu, P. (1980). *L'opinion publique n'existe-pas*. Paris: Minuit

Botelho, I. (2001). *Dimensões da Cultura e Políticas Públicas*, São Paulo em Perspectiva (p. 1-11). Disponível em <https://z8pbDQnDqk/?format=pdf&lang=pt>

Braga, T. (1885). *O povo português II: Nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Livraria Ferreira Editora.

Buber, M. (2001). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro

Canclini, N. G. (1998). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (2.ed). São Paulo: Edusp,

Conferência Geral da ONU para a Educação, Ciência e Cultura (2001) *Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural (31.ª sessão)*. Disponível em <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>

Correia, J. F. (2023, Fevereiro) Coordenadas para um lugar bem situado. *Brotéria*, Volume (196-2), pp. 142-148.

Correio da manhã (2020) Estudo identifica estrangeiros de 40 nacionalidades em freguesia das Caldas da Rainha. Consultado em 02 fev. 2023. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/estudo-identifica-estrangeiros-de-40-nacionalidades-em-freguesia-das-caldas-da-rainha>

Cuche, D. (1996). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Caxias do Sul, RS: EDUCS

Durkheim, E. (1960) *De la division du travail social*. Paris: Presses Universitaires de France

Eagleton T. (2000) *A Ideia de Cultura*. Oxford: Blackwell Publishers Limited

Elias, N. M.(1995). *Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Fernandes, C. (2019, Abril 10) Descubra o significado da música A Casa, de Vinícius de Moraes. Disponível em <https://www.letras.mus.br/blog/a-casa-vinicius-de-moraes/>

Fonseca, A. & Sequeira, V. M & Ferreira R. (1953). *Uma Casa Portuguesa*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RU-Z0SiQKgU>

Gomes, F. (2016, Maio 31). Passagem do IPL a universidade e relação da ESAD.CR com as Caldas em debate. *Jornal das Caldas*. Disponível em <https://jornaldascaldas.pt/2016/05/31/passagem-do-ipl-a-universidade-e-relacao-da-esad-cr-com-as-caldas-em-debate/>

Henriques, F. *Concepções filosóficas e representações do feminino: Subsídios para uma hermenêutica crítica da tradição filosófica*, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89 | 2010, 11-28.

M (1940, Agosto 1). Os Estrangeiros. *26 ADL Gazeta das Caldas*, p. 1.

Méndez, M.L. & Puget, J. (2013). Mesa de abertura. In: *Congreso de FLAPAG. Clínica de la diferencia e interculturalidad*. Anais... Buenos Aires, Argentina: (não publicada).

Mocellim, A. D. (2011). *A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea* (v. 17, n. 2, pp.105-125). São Paulo: Plural.

Moraes, V. (1970). *A Casa*. A Arca De Noé. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wmj2COW0veI>

Negreiros, A. (2017). *Antes de Começar*. Luso Livros. Consultado em 20 fev. 2023. Disponível em <https://bibliotecadigital.agrcanelas.edu.pt/download/148/Antes%20de%20Comecar%20-%20Almada%20Negreiros.pdf>

Neto, F. (2001). *Como Integrar Os Imigrantes?*, Público. Consultado em 03 abr. 2023. Disponível em http://static.publico.pt/dossiers/cidadania/html/imigracao_solu1.htm

Nisbet, R. (1978). Comunidade. In Foracchi, M. M., Martins, J.S. (orgs.). *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

Oliveira, G. (2019). Gestão cultural enquanto objeto de estudo. In A. Rubim, *Gestão Cultural* (pp. 49-66). Salvador: EDUFBA.

Pacheco, A. (2021). O homem e a técnica em Bernard Stiegler, p.163-171.

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/trans/a/fDsBzcLkVkbzCt4prJKL5yF/?lang=pt&format=pdf>

Pacheco, N. A. (2000). Do confronto de culturas as relações interculturais, p. 119-139. Disponível em <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC13/13-5-pacheco.pdf>

Pereira, C. H. (2016). *A presença dos refugiados nas Caldas da Rainha durante a Segunda Guerra Mundial (1939- 1945)*, Cadernos de Estudos Leirienses (Vol. 8 p. 332). Disponível em https://www.academia.edu/25230581/A_presen%C3%A7a_de_refugiados_nas_Caldas_da_Rainha_durante_a_Segunda_Guerra_Mundial_1939_1945_

Ranauro, M. L. (2004). *Sustentabilidade numa perspectiva endógena: contribuição das "comunidades" no plano simbólico do desenvolvimento sustentável*, Caderno Virtual de Turismo (Vol. 4, N° 4, pp. 23-30). Disponível em <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/67/62>

Rodrigues L. A. F. (2018) *O campo da Gestão Cultural*. Portal dos Direitos Humanos. Disponível em http://www.dhnet.org.br/tecdocultural/curso_acc/1/01_o_campo_gestao_cultural.pdf

Stigler, B. & Rogoff, I. (2010). *Transindividuation*. E-Fluxo Journal (14ª ed.). Consultado em 15 jan. 2023. Disponível em <https://www.e-flux.com/journal/14/61314/transindividuation/>

Titãs (1987). *Comida*. Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W5TI7iLvHC4>

Weissmann, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *PEPSIC*, vol.26 (no.27). Consultado em 20 jan. 2023. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v26n27/04.pdf>



Casa da Mãe Joana
PROGRAMAÇÃO



20/01 - EXPOSIÇÃO ESSA BRASILEIRA
22h - Malaica - Caldas da Rainha

16/02 - CONCERTO EM MIM
22h - Toca da Onça - Caldas da Rainha

18/02 - CONCERTO EM MIM
21h - Espaço Compasso - Porto

18/03 - O CORPO E O RITMO NO TEATRO
15h - Espaço Compasso - Porto

11/03 - EXPOSIÇÃO ESSA BRASILEIRA
11h - Biblioteca Municipal do Cadaval

10/04 - O CORPO E O RITMO NO TEATRO
Aula aberta para alunos do AERP

25/04 - ERAM TODAS AS VEZES
16h - Parque D. Carlos

**25/05 - A CASA DA MÃE JOANA
NO CALDAS LATE NIGHT**
Centro de Artes

@casadamaejoana_oficial

| ANO | 2022 | | | | | | | | | | | | 2023 | | | | | | | | | | | | 2024 | | | | | | | | | | | | 2025 | | | | | | | | | | | | 2026 | | | | | | | | | | | | 2027 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|-----------------------|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------------------------------|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|---------------------|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----------------------|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|---------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|----------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | Período/mês | fev | ma | abr | ma | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | jan | fev | ma | abr | ma | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | jan | fev | ma | abr | ma | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | jan | fev | ma | abr | ma | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Fase Inicial do Projeto | Elaboração do projeto | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Eventos itinerantes | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento | | | | | | | | | | | | Definição de quadro de parcelas | | | | | | | | | | | | Formalização da Atividade | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Busca por espaços para sede fixa | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento para primeiro ano de Casa | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Programação da Casa | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Definição de endereço e realização de trâmites legais | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Remodelação espaço | | | | | | | | | | | | Abertura da Casa | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 1º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2025 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 2º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2026 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 3º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2027 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - último ano | | | | | | | | | | | | Encerramento caixa | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | |
| Fase Intermediária | Elaboração do projeto | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Eventos itinerantes | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento | | | | | | | | | | | | Definição de quadro de parcelas | | | | | | | | | | | | Formalização da Atividade | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Busca por espaços para sede fixa | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento para primeiro ano de Casa | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Programação da Casa | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Definição de endereço e realização de trâmites legais | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Remodelação espaço | | | | | | | | | | | | Abertura da Casa | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 1º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2025 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 2º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2026 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 3º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2027 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - último ano | | | | | | | | | | | | Encerramento caixa | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | |
| Transição | Elaboração do projeto | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Eventos itinerantes | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento | | | | | | | | | | | | Definição de quadro de parcelas | | | | | | | | | | | | Formalização da Atividade | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Busca por espaços para sede fixa | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento para primeiro ano de Casa | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Programação da Casa | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Definição de endereço e realização de trâmites legais | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Remodelação espaço | | | | | | | | | | | | Abertura da Casa | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 1º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2025 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 2º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2026 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 3º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2027 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - último ano | | | | | | | | | | | | Encerramento caixa | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | |
| Encerramento | Elaboração do projeto | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Eventos itinerantes | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento | | | | | | | | | | | | Definição de quadro de parcelas | | | | | | | | | | | | Formalização da Atividade | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Busca por espaços para sede fixa | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento para primeiro ano de Casa | | | | | | | | | | | | Programação e calendarização | | | | | | | | | | | | Programação da Casa | | | | | | | | | | | | Execução Programação Itinerante | | | | | | | | | | | | Definição de endereço e realização de trâmites legais | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Remodelação espaço | | | | | | | | | | | | Abertura da Casa | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 1º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2025 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 2º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2026 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - 3º ano | | | | | | | | | | | | Captação de recursos | | | | | | | | | | | | Estabelecer orçamento 2027 | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | | Execução programação Casa fixa - último ano | | | | | | | | | | | | Encerramento caixa | | | | | | | | | | | | Avaliação dos resultados | | | | | | | | | | | |

Anexos 2 - Cronograma - Casa da mãe Joana



Anexos 3 - Foto - Lançamento - Casa da mãe Joana (Toca da Onça - 16/02/2023) Lorena Barcellos



Anexos 4 - Foto - Lançamento - Casa da mãe Joana (Toca da Onça - 16/02/2023) Lorena Barcellos



Anexos 5 - Foto - Lançamento - Casa da mãe Joana (Toca da Onça - 16/02/2023) Lorena Barcellos

Anexo 6 - Link para mais informações do projeto (orçamento e cronograma):

<https://casadamaejoanaoficial.blogspot.com/>